

# HISTORIA DA PEDAGOGIA EM PORTUGAL

---

## I

### As Collegiadas e o Ensino religioso

A Europa da Edade media apresenta na sua evolução historica, tanto moral como intellectual, politica como economica, uma surprehendente unidade, que deriva dos elementos persistentes da Civilisação occidental communicados ás nacionalidades modernas pela cultura greco-romana. Existe uma doutrina moral com um caracter de universalismo ou catholicidade, mantido pela Egreja; existe um systema de educação commum iniciado pelas Collegiadas e pelas Universidades; existe uma mesma lucta em todos os estados das fórmas aristocraticas ou feudaes contra as fórmas communaes ou democraticas; emfim, em cada paiz a vida local do *pagus* alargase em uma unificação nacional, convertendo o trabalho da servidão na livre industria, que veiu a preponderar e a caracterisar a civilisação moderna. O estudo da Pedagogia em qualquer dos paizes da civilisação europêa apresenta as mesmas épocas fundamentaes, as mesmas phases de transformação, as mesmas luctas entre o clericalismo e o humanismo. Seguir estes diversos periodos, é esboçar a historia intellectual da Europa, quer nos seus grandes fôcos de acção, como a França ou a Italia, quer nos seus remotos reflexos, como em Portugal. A historia da Pedagogia comprehende a exposição progressiva das doutrinas que se substituem, e ao mesmo tempo dos methodos que se aperfeiçoam modificando o criterio. As doutrinas preponderantes acham-se mais ou menos ligadas á corrente dos acontecimentos que deram á Europa a sua estavel organização social; os methodos foram-se aperfeiçoando conforme as necessidades da investigação scientifica que veiu a prevalecer na actividade mental. Uma historia sobre assumptos tão complexos não pôde

ser clara se não fôr dirigida por um ponto de vista synthetico; nem a sua importancia será verdadeira se se não dirigir a um destino pratico, visando á disciplina e organisação systematica da Instrução publica em qualquer dos paizes cooperadores da civilisação occidental.

A historia dos progressos da intelligencia na Europa faz-nos sentir uma evolução natural na successão das seguintes phases: primeiramente operou-se uma cultura *esthetica*, seguiu-se antes de tempo uma actividade *philosophica*, vindo por ultimo a preponderar o exclusivo trabalho *scientifico*.

A França, na longa transição da Edade media, exerceu uma missão dirigente como fóco da civilisação occidental. Ella estimulou os espiritos com a seducção artistica; da França irradiaram as canções lyricas da Provença para todas as côrtes da Europa; da França se diffundiram as epopéas feudaes ou Gestas cyclicas propagadas desde a Scandinavia até á Grecia moderna; da França saíram as corporações de obreiros que levaram os typos da Architectura, conhecida pelo nome de *Ars francigena*, a todos os paizes. Em fim Paris tornou-se a Athenas do Occidente, indo ás suas Escolas e Universidades buscar as novas doutrinas os espiritos superiores de todos os paizes, e trazendo para as suas nacionalidades o modelo da organisação das Universidades que se propaga da Allemanha até Portugal. A transição natural da cultura esthetica para a especulação philosophica observa-se nos principaes pensadores do seculo XII e XIII, poetas eminentes e simultaneamente metaphysicos, como S. Bernardo, S. Boaventura, Abailard, Dante, Petrarcha, Affonso o Sabio. A actividade philosophica subordinada á theologia, por falta de elementos objectivos, caiu no vago da Metaphysica, afastando-se a intelligencia de uma necessaria investigação scientifica. Este primeiro impulso estava dado pela entrada dos Arabes na Europa occidental, que lhe communicaram as doutrinas scientificas recebidas da civilisação da Grecia propagada ao Oriente. Havia então o conflicto das *duas verdades*, a theologica e a scientifica, como existia o conflicto das *duas espadas*, o poder espiritual em antagonismo com o temporal, e a antinomia das *duas cidades*, a de Deus ou a Igreja, e a terrestre ou a sociedade politica dos filhos de Caim. Apesar d'esta perturbação, que produziu a prolongação da inanidade metaphysica, o regimen scientifico transpareceu na actividade de Alberto Magno, de Rogerio Bacon e de Thomaz de Aquino.

Esta tendencia scientifica desenvolve-se progressivamente pelo contacto com a cultura islamica, e dentro do proprio ensino ecclesiastico as disciplinas litterarias do *Trivium* (*Grammatica*, *Rhetorica* e *Dialectica*) tornam-se insufficientes, e até certo ponto desacreditadas, como se vê pelo sentido das palavras *trivial* e *trivialidade*; o

*Quadrivium* é desenvolvido no seu caracter scientifico (*Arithmetica, Geometria, Musica e Astronomia*) não só pela preponderancia da actividade industrial, como pelas proprias necessidades da Igreja, que precisava das noções astronomicas da Grecia para coordenar os actos liturgicos diurnos e annuaes na sua parte publica ou social. É n'esta situação provocada pelo desenvolvimento politico da Europa, que o ensino subordinado á educação religiosa das Collegiadas, isto é, para aquelles que se dirigiam exclusivamente para a vida ecclesiastica, se alarga tomando um caracter *humanista*, com um destino secular nas Universidades. O systema hierarchico das Sete Artes, tal como o concebera Felix Memor, alarga-se pela necessidade que a Igreja tinha de intervir nos costumes publicos, e amplia-se com a *Moral* e com as *Leis*, bem como com a *Medicina*.

N'esta transição reconhece-se que os espiritos superiores, como Raymundo Lullo e S. Boaventura, sentiram a necessidade de uma classificação hierarchica dos Conhecimentos humanos para regularisarem este enorme desenvolvimento do ensino. Tentaram essa classificação sobre uma base subjectiva, segundo o functionalismo psychologico, e d'aqui veiu o nome das divisões pedagogicas das Universidades, que eram constituídas por *Faculdades*, taes como ainda hoje subsistem.

Á medida que se especialisarem de um modo crescente as sciencias concretas, como se operou no fim do seculo XVIII, nascerá a necessidade de uma classificação hierarchica dos Conhecimentos humanos sobre uma base *objectiva*, ou dogmatica, estabelecendo a dependencia das doutrinas de uma sciencia para outra sciencia. Esta terceira phase do ensino europeu foi determinada pela fundação do *Instituto de Sciencias e Artes*, pela Convenção em 1795; falta ainda completal-o pela sua systematisação dogmatica, tal como foi determinada pela *Philosophia positiva*.

São estes os cortornos da marcha da Pedagogia na Europa; por elles se esclarece a complexidade de factos anomalos, como a insistencia do retrocesso *humanista* dos Jesuitas, e a incapacidade dos reformadores pedagogicos e parlamentares na organização definitiva de um systema de Instrução publica. Diz Littré, preconizando a necessidade philosophica do criterio historico: « Nada existe nas coisas sociaes, que não tenha a sua historia, e uma historia bastante importante para se conhecer, se se quizer sair do puro empirismo e elevar-se pela intuição do passado á intelligencia do presente, á conducta que elle reclama e á previsão que o futuro comporta. » <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> *Fragments de Philosophie positive*, p. 185.

A falta de um criterio historico da parte dos legisladores e reformadores da nossa instrucção nacional, tem feito com que copiem as organizações escolares estrangeiras correspondentes ao estado de civilização de outros povos, de modo que implantadas entre nós têm permanecido improficuas; ou, o que é peor ainda, entregam-se na sua actividade regulamentadora a falsas miragens de uma atrasada psychologia, attentando contra a evolução da natureza. Um dos principaes erros d'esses legisladores é partirem da analogia entre o systema de instrucção ou hierarchia das disciplinas pedagogicas e um edificio com seus alicerces, andares nobres e cupulas; assim imaginam que a instrucção primaria é a base elementar do ensino subsequente, e é sobre este alicerce que procuram coordenar as disciplinas superiores. Puro absurdo; porque se as verdades elementares só resultam do desenvolvimento gradual das doutrinas e theorias dogmaticas, é logico que essas verdades só podem tornar-se objecto de ensino depois de completamente comprovadas. E isto que racionalmente se comprehende, acha-se comprovado pela historia do desenvolvimento da Pedagogia: o primeiro ensino publico na Europa foi exclusivamente superior, nas eschololas das Collegiadas e nas Universidades, e d'elle é que foram gradualmente sendo derivadas as eschololas populares, seguindo o character da sua proveniencia. Este importante facto historico, de um grande alcance pratico, acha-se na propria evolução da Pedagogia em Portugal, e por elle nos devemos dirigir actuando nas reformas da instrucção popular, em virtude das reformas effectuadas na instrucção scientifica ou superior. Póde dizer-se que este é o primeiro principio da Pedagogia.

É ainda o criterio historico, que nos mostra como do ensino religioso das *Collegiadas* se passou para o ensino das *Universidades*, como primeiro esboço de uma instrucção secular. Foi uma revolução profunda na Pedagogia; porque o ensino subordinado ao espirito religioso era prejudicado pela auctoridade dos dogmas, immobilisava-se, e a intelligencia do discipulo sempre em perigo de ser desvairada pelo livre exame e pela heresia entregava-se passivamente á imposição pedante dos mestres, formulada no celebre aphorismo *Ipse dixit*. As Universidades correspondem na Pedagogia moderna da Europa á preponderancia da auctoridade secular na politica dos Estados; ellas foram uma criação da realeza, e ellas desenvolveram o direito romano como garantiã dos direitos reaes. Esse espirito secular, que nasce nas Universidades, acompanha a marcha historica da Europa, e manifesta-se no estudo *humanistico*, que com a primeira Renascença do seculo XIII se propaga, vindo na segunda Renascença do seculo XVI a predominar no proprio ensino ecclesiastico e a ser abraçado pelos Jesuitas, que com elle procu-

raram atalhar o ensino *scientifico* iniciado depois das descobertas de Galileo. Foi esta a segunda phase da secularisação do ensino, derivada do seu objecto, e conjunctamente a auctoridade do mestre foi substituída pela irrecusavel evidencia do facto scientifico. É assim que no seculo xvi começam a estabelecer-se as doutrinas pedagogicas do *Autodidactismo*, e que o ensino tende a ser subordinado ás condições psychologicas da nossa natureza.

Á antiga auctoridade do mestre competia uma exagerada *severidade* no ensino exercida a pretexto da disciplina, e como estimulante da actividade de uma faculdade passiva, a memoria. Desde que os factos scientificos se impuzeram pela observação, ou que os assumptos humanisticos attrahiram pelo seu encanto artistico, a auctoridade severa dos mestres desapareceu como inutil, vindo a sua tradição a reaparecer nas escholas populares já extemporaneamente. Todas estas conquistas da razão contra a tradição, que transformaram a Pedagogia segundo os trabalhos de Montaigne, Huarte, os padres de Port-Royal, Rousseau, Pestalozzi e Frœbel, todas ellas apresentam uma admiravel successão historica. É por isso que o criterio *historico* é fundamental n'esta ordem de questões, devendo ser considerado como o preliminar de todas as considerações *philosophicas* essenciaes para a creação definitiva da Pedagogia.

Na Europa moderna o primeiro ensino popular fez-se nas *Collegiadas*. É preciso lembrar que tanto a Igreja de Roma, como as igrejas nacionaes, se fundaram entre essas corporações operarias chamadas *Collegia compitalitia*, e *Collegia sodalitia*, cuja hierarchia do seu pessoal se reproduziu na ordem ecclesiastica. A imitação d'estes Collegios da antiga organização municipal é que os fez radicar nas provincias do Imperio, da mesma fórma que as relações da Igreja com elles é que fez com que durante a Edade media a Igreja fosse o centro da vida civil do povo, e os Bispos tivessem attribuições municipaes. A Igreja conservou os titulos primitivos usados n'esses Collegios compitalicios; assim o nome de Irmãos (*fratres*) ficou usado entre os novos crentes, e os chefes da associação tomavam o nome de *Mestres* e de *paes* (Padre-Mestre, é o titulo de respeito entre os personagens ecclesiasticos); e as igrejas procuravam os seus protectores ou patronos, não só entre a aristocracia (*padroeiros*) como entre os santos, como os primitivos Collegios romanos. O logar das reuniões dos associados collegiaes era chamado a *Schola*, onde estava a capella, e onde se tomavam as deliberações collectivas. Algumas d'estas associações, como o Collegio dos Mimos e Athletas gregos, chamavam-se o *Santo Synodo*, que se conserva na Igreja do Oriente, e nos *concilios synodales* do occidente. Os associados vestiam-se de branco nos dias de festa (a *alva* dos padres) e offereciam aos deuses *vinho* e *incenso*, (ain-

da usado na missa e nas festas de Igreja.) Fóra da *Schola* saíam em *procissão* com as suas bandeiras (os *guiões*, das ceremonias catholicas); emfim a Igreja herdou a encomendação das almas dos finados e o dar sepulturas aos seus fleis irmãos, como as *Columbaria* romanas; os banquetes usados nas commemorações d'estes Collegios ficaram tambem no costume dos *Bodos* aos pobres e nas oblatas de comestiveis nos enterros, e ainda nas estreias no primeiro dia do anno.

A Igreja formada por *ecclesiolas* que imitavam a organização dos Collegios e das *Columbaria*, adoptou a caixa das esmolas para os devotos; e diferenciando-se d'essas corporações pela sua propaganda doutrinaria, a *Schola* tomou o sentido que hoje tem, de um lugar onde se ensina. Tertuliano contrapondo a Igreja a essas associações, insiste no seu intuito docente: «As nossas cotisações servem para dar pão aos pobres e a sepultal-os, e educar os orfãos dos dois sexos, e a soccorrer os nossos velhos.» Tal é a origem da *Eschola* das Collegiadas, que se perdeu quando a Igreja se tornou aristocratica, ficando apenas com o titulo honorífico de *Mestre-Eschola*, ou de *Cabiscol* (*Caput Scholæ*) dos documentos medievaes.

Viterbo, no *Elucidario*, explicando o vocabulo medieval *Cabiscol*, allude a um documento de venda de 19 de janeiro de 1139, em que figura como testemunha Mite *Cabiscol*, e produz um texto das *Partidas* de Affonso o Sabio: «E algumas Eglesias Cathedrales son, en que y a *Cabiscoles*, que he este mesmo officio que nos Chantres. E *Cabiscol* tanto quiere dizir como Cabdillo de el coro, para levantar los cantos.» (*Partida* I, tit. 6, liv. 5.) Em Portugal estas fundações apparecem junto das Collegiadas, tendo sido estabelecidas pelos bispos e abbades, para educação dos *Mózinhos*, ou crianças destinadas á vida clerical, e muitas vezes com um caracter de beneficencia.

O bispo Dom Paterno funda em Coimbra, em 1086 junto á sé ou Igreja de Santa Maria, um collegio ou Seminario de Moços, onde se educavam rapazes «para receberem o grão do presbyterio, e quiz que vivessem com communitade segundo a regra de Santo Agostinho.»<sup>1</sup> Evidentemente a primeira organização do ensino vi-

---

<sup>1</sup> Brandão, *Terceira parte da Monarchia lusitana*, Liv. VIII, cap. 5. App. Escript. III.

sava exclusivamente á disciplina ecclesiastica, postoque se ampliasse depois aos que o desejassem aproveitar. O Abbade de Alcobaga D. Frei Estevam Martins, funda em 1269 no mosteiro de Santa Maria os estudos de *Grammatica*, de *Logica* e *Theologia* «*ad comminam utilitatem monachorum nostrorum,*» accrescentando que ficam accessiveis a quaesquer outras pessoas. O caracter caritativo das primitivas *Scholæ* acha-se no Hospital de Sam Paulo, que por 1266 se converte no *Collegio dos Santos Paulo, Eloy e Clemente*, onde o bispo de Evora e Lisboa, Dom Domingos Jarde institue o ensino para dez capellães, vinte merceeiros e seis escolares de latim, grego, theologia e canones. A Collegiada da Oliveira de Guimarães, tambem teve escholae que antecederam o ensino secular desenvolvido pelo poder real.

A influencia franceza, que se propagou a toda a Europa pela fundação das Universidades, foi anteriormente communicada pelos bispos francezes que em Portugal governaram as sés do novo estado. Na insufficiencia dos estudos das Collegiadas alguns alumnos iam a Paris, como se sabe pela lenda de Frei Gil de Santarem; uma carta de Doação de Dom Sancho 1 de 1192, concede ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra a prestação de 400 morabitanos «para sustentação dos conegos do dito mosteiro que estudam em as partes de França...» Nas canções satyricas do Cancioneiro da Vaticana, allude-se ao traje ao uso de *Mompilher*, que figurava em Portugal, muitas vezes sem se ter saído da patria. O nome de *clericus*, que em toda a Edade media se ampliou ao homem que sabia lêr ou recebera um qualquer rudimento de instrucção, tambem teve nos antigos documentos portuguezes o mesmo sentido, restringindo-se depois ao que entrou nas ordens ecclesiasticas. Elucidando a palavra *Clerigo*, diz Viterbo:

«Deo-se este nome aos sacristães das egrejas, que andavam na casa do Parocho aprendendo as primeiras letras e o ajudavam á missa... Estes pequenos clericos, no Concilio de Merida, cap. xviii, se chamam *Clerici parochianum*. E porque os Parochos os deviam ensinar as primeiras letras e bons costumes, se disseram tambem *Clerici scholares*. Em os nossos antigos documentos se intitularam *Mózinhos* ou *Monginhos* pelo particular vestido ou sotana e pela modestia e gravidade com que se portavam na execução do seu ministerio.» (Viterbo, *Elucid.* vb.º CLERIGO, VI). Aqui temos o clericigo com o sentido em que nos apparece em todos os documentos da Europa da Edade media; o habito clerical conservou-se nos estudos principalmente na Universidade de Coimbra. Antonio Diniz da Cruz e Silva, no poema heroi-comico *O Hyssope*, allude ao habito de estudante:

Olha o que succedeu ha pouco tempo  
 Ao charlatão do Medico Pequeno  
 Que a habito perpetuo de estudante  
 Foi de Esculapio em junta condemnado...

(CANT. VI.)

Em uma nota contemporanea do poema se lê: « Usou sempre do antigo vestido de capa e volta, que já então estava em desuso, vestindo-se geralmente os medicos como os outros seculares. A isto se refere o poeta quando falla no habito escolastico. » (Ed. *Hyssope*, pag. 450.)

A esta parte da educação da *Schola* das Collegiadas pertence o canto, não só conservado da tradição medieval das Sete Artes liberaes, mas tambem applicado ás praticas do culto nas prosas, sequencias e hymnos da Igreja. O nome de *Chantre*, conservado hoje sem sentido, correspondê a este periodo da Pedagogia-moderna. A Igreja seguia a corrente da civilização hellenica, onde o ensino começava pela musica. Na linguagem architectonica, o limiar da Igreja chamava-se *parvis*, do nome com que se designavam as crianças que frequentavam aquelle logar como eschola;<sup>1</sup> o nome de *clerigo* (clerc) ficou durante a Edade media com o sentido de instruido, que sabe lêr e escrever. A missão dos Bispos consistia, além da inspecção da doutrina religiosa, no ensino; como os Bispos se foram entregando ás ambições seculares em conflicto com os barões feudaes, delegaram o seu miêster docente em um ecclesiastico, que recebeu differentes nomes, como o de *Capischole* ou *Cabiscol*, *Mestre-Eschola*,<sup>2</sup> *Chantre* e *Cancellario* ou *Chancellor*.

Nos antigos documentos portuguezes, citados por Viterbo, apparece-nos o nome de *Cabiscol*; na reorganização da Universidade por Dom João III, (1537) o nome de *Cancellario* conserva o seu caracter medieval nos Priores de Santa Cruz de Coimbra. Ainda no seculo xv, como descreve o rei Dom Duarte, o *Chantre* era essencialmente pedagogo, e o proprio monarcha apresenta no *Leal Conse-*

<sup>1</sup> Thery; André, *Nos Maitres, hier*, p. 78.

<sup>2</sup> Tambem se dava o nome de *Primicerio* ao chefe da Eschola, tal como se acha empregado na eschola episcopal de Reims no seculo xi, e em uma carta de Saint Remi. Os Bispos francezes que vieram para Portugal depois da independencia d'este Condado, aqui introduziram essa designação com a primeira organização do ensino que iniciaram. A influencia franceza torna a reaparecer na primeira metade do seculo xvi, estimulando a grande geração dos Quinhentistas.

*theiro* um esboço regulamentar d'essas escholas, a que em França se dava o nome de *Chantrerie* ou *Cantorales*. Na secularisação do ensino, as dignidades ecclesiasticas de *Mestre-Eschola* e *Chantre* ficaram de simples apparato parasitario, e ainda subsistem com este destino.

O ensino das *Collegiadas* e o das *Universidades* correspondem a duas phases doutrinarias antinomicas entre si, e por isso incompletas; enquanto a Igreja dirigiu os espiritos, separou-os de toda a communicação com as ideias da civilisação greco-romana, renegando esse passado esplendido da humanidade, e interrompendo a continuação da actividade scientifica da Grecia. Na primeira organisação doutrinaria da Igreja, Sam Paulo, na *Epistola aos Corinthios*, proclama: « Porque está escripto: destruirei a sabedoria dos sabios e aniquilarei a intelligencia dos instruidos. (Cap. I, v. 19.) — Mas Deus escolheu o louco d'este mundo para confundir aos sabios. » (Id. v. 27.) Celso notou esta ignorancia systematica explorada pelos primeiros evangelisadores; e Tertuliano, no fervor da sua prégaação exclama: « Eu não me dirijo aos que são formados nas escholas, exercitados nas bibliothecas, que vem despejar diante de nós os restos mal digeridos de uma sciência adquirida nos porticos e academias da Grecia. » Em todos os padres da Igreja abundam as provas do desprezo que a nova religião, que dirigiu os espiritos no Occidente, nutria pela civilisação da Grecia; o pontifice Sam Gregorio Magno reprehendia o Bispo de Vienna, Didier, por ensinar Grammatica: « Chegou ao nosso conhecimento isto, que não podemos recordar sem pejo, que Vossa Fraternidade explicava Grammatica a algumas pessoas. Recebemos desagradavelmente esta nova, de tal modo, e sômos mais vehementemente chocados, que o que primeiro fôra repetido com gemidos se converteu em tristeza. Porque se não tomarão os louvores de Christo com os louvores de Jupiter em uma mesma bocca. Considerae quanto para um sacerdote é horrivel e criminoso explicar em publico livros dos quaes a um secular piedoso não deveria permittir-se a leitura. Não vos appliqueis mais aos passatempos e ás letras do seculo. » <sup>1</sup> Em uma carta d'este mesmo pontifice, que na sua Vida traz João Diacono, alardéa que na sua linguagem não evita nem os *metacismos*, nem os *barbarismos*, nem attende aos *casos*, porque acha indigno que as palavras celestes estejam sujeitas ás regras de *Donato*. <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Ap. *Elements de la Grammaire de la Langue romane*, p. 14, de Raynouard.

<sup>2</sup> Sam Jeronymo falla com desprezo dos instruidos nas letras antigas, chamando-lhes desdenhosamente *ciceronianos*.

Foi esta solução de continuidade com a civilização greco-romana que produziu, a par da invasão dos barbaros Germanos, esse eclipse da rasão humana na Edade media; por isso quando se restabeleceu esse conhecimento elle foi propriamente denominado um Renascimento. A Egreja teve de luctar contra o espirito secular que acordava ao estimulo das primeiras descobertas da civilização da Grecia; essa comunicação fôra feita pelos Arabes, e por isso o *humanismo* apparecia com um character heterodoxo, vindo mais tarde a ser adoptado pela propria Egreja, como se viu em Bembo e Leão x, e nos elementos pedagogicos dos Jesuitas.

Uma das principaes revoluções do ensino europeu surgiu do accidente de uma descoberta industrial, a Typographia. <sup>1</sup> Antes da vulgarisação dos livros, o *ensino oral* suppria essa deficiencia de um texto, e a palavra do mestre adquiria uma auctoridade moral enorme, de que a Egreja se aproveitou para a sua prédica e para a universalidade da disciplina religiosa. Com a abundancia dos livros, deu-se o factio contrario; generalisaram os textos dogmaticos em compendios, e os mestres diante da redacção categorica e laconica das obras elementares, tornaram-se mudos, sem acção moral sobre a intelligencia do alumno, impondo-se apenas pela severidade disciplinar, e exigindo violencias da faculdade passiva da memoria. O ensino na época das Collegiadas era na maior parte oral; na época da creação das Universidades, as glosas, as apostillas, os escholios, são a collaboração escripta do alumno, que collige todos os elementos doutrinaríos da palavra do mestre. Depois da descoberta da Imprensa os primeiros que substituiram o mestre pelo livro, foram os Jesuitas, e os que mais abusaram da memoria. Com o ensino scientifico, a necessidade do methodo experimental estabeleceu outra vez a communicacão oral com os discipulos; porém assim que essas disciplinas se foram tornando dogmaticas ou elementares, retrogradou-se ao ensino pelo texto escripto como objecto exclusivo das lições. Draper descreve a influencia do ensino oral n'esta primeira época da Pedagogia europêa, por occasião da descoberta da Imprensa: «Uma profunda mudança produziu-se tambem no mundo da instrucção, mudança que se fez sentir immediatamente no mundo ecclesiastico, e mais tarde no mundo politico. O systema re-

---

<sup>1</sup> Draper inclina-se á opinião que a Imprensa, já citada pelos Venezianos em um decreto de 1441 como cousa usual, é anterior no Occidente á descoberta de Coster ou de Gutenberg. *Hist. du developpement intellectuel en Europe*, t. III, p. 140.

ligioso na sua totalidade suppunha um publico que não lia e d'aqui a leitura das orações e o sermão. No seculo XIII a instrucção oral predominava; no seculo XIX, ella desempenha uma parte secundaria. A invenção da imprensa veiu dar uma temivel rival ao pulpi-to. Não devemos comtudo desconhecer o poder que exercia outr'ora um ensino oral e scenico sobre um auditorio composto de individuos privados de leitura; etc.»<sup>1</sup>

Augusto Comte entrevendo uma phase normal na Pedagogia em que o ensino scientifico seja dirigido por um espirito de conjuncto, ou philosophico, restabelece o ensino oral na sua importancia primitiva: «No estado normal, os tratados didacticos devem unicamente dirigir-se aos mestres, através dos quaes deve sempre passar a instrucção finalmente destinada aos discipulos. As leituras theoricas não lhes convêm senão quando a sua educação estiver terminada; até então, o seu desenvolvimento scientifico resulta de uma elaboração pessoal, espontaneamente subordinada ás lições oraes, unicas conformes com a dignidade dos professores. — É preciso essencialmente attribuir á anarchia moderna o habito de destinar livros aos discipulos, assim dispostos a desdenhar ou criticar os mestres segundo o conflicto de dois methodos de exposição naturalmente incompativeis.»<sup>2</sup> Estes dois methodos acham-se implicitos nas duas designações pedagogicas *professor e lente*; a subordinação a um texto escripto, escravizou o espirito docente á explicação analytica de formulas dogmaticas destinadas á memoria, como se observa ainda hoje na Universidade de Coimbra, immobilisada na reforma pombalina. D'esta falsa ideia pedagogica resulta a exploração dos compendios officiaes e a monomania chineza dos exames.

A substituição do systema escripto ao oral não se fez sem lucta da parte da Igreja; e essa lucta reflectiu-se por muito tempo na antipathia que a nobreza tinha pela letra redonda, e pelo orgulhoso alarde que fazia do seu analphabetismo. A nobreza apreciava-se pela antiguidade, e só era nobre o que pertencia a uma época em que se dispensava muito bem o saber lér e escrever. Diz João Pedro Ribeiro, notando o analphabetismo do clero portuguez no seculo XIV: «Encontro por esse tempo constituições que obrigam os Parochos a entenderem ao menos Latim ao pé da letra; mas vejos frequentemente dispensados em Braga e Porto, comtanto que

---

<sup>1</sup> Draper, op. cit., t. III, p. 145.

<sup>2</sup> *Synthese subjectiva*, p. VIII.

mostrassem ter estudado bem algum Larraga d'aquellas éras. De sete conegos (não conversos) do Mosteiro de Villa Boa, só o Prior sabia escrever.» <sup>1</sup> Vejamos a mesma tradição na nobreza.

Spencer, na sua *Introdução á Sciencia social* descreve o estado da Educação na Europa, tal como o vemos repetir-se em Portugal: «Remontando bastante longe, nós achamos os nobres absolutamente analphabetos, e, o que é mais ainda, cheios de desprezo pela arte de lér e de escrever.» Sá de Miranda, nas suas Cartas, allude a este estado da aristocracia:

Dizem dos *nostros passados*  
Que os mais *não sabiam lér* ;  
Eram bons, eram ousados,  
Eu não gabo o não saber,  
Como alguns ás graças dados ;  
Gabo muito os seus costumes,  
Dóe-me se hoje não sam taes,  
Mas das letras ou perfumes  
De quaes veiu o dano mais ?

Continúa Spencer: «No periodo seguinte a auctoridade anima froixamente os estudos que dizem respeito á theologia, mas toda e qualquer outra sciencia é altamente reprovada (Hallam, *Middle Ages*, c. IX, P. 2.); estão persuadidos, de resto, que o aprender só interessa aos padres.» É n'este periodo que se desenvolvem as escholas das Collegiadas, ficando por bastantes seculos os estudos sob a direcção dos bispos, e sujeitos á intervenção clerical. Prosegue Spencer: «Mais tarde ainda, as altas classes soletram mal ainda, e pensava-se em que ficava mal a uma mulher o saber lér. Shakespeare pintou um sentimento do mesmo genero, quando falla d'aquelles que consideram como uma baixeza = o possuir uma boa letra. = Até uma época muito recente, muitos grandes proprietarios e gente rica d'esta classe, não sabia lér nem escrever. Depois de ter progredido durante uma longa serie de seculos tão lentamente a instrucção, em um só deu relativamente um passo gigantesco.» <sup>2</sup> A situação dos *morgados*, em Portugal, prolongou este analphabe-

---

<sup>1</sup> *Carta ao Arcebispo Cenaculo.* (Ap. Boletim de Bibliographia portugueza, p. 12.)

<sup>2</sup> *Op. cit.*, p. 82.

tismo dos grandes proprietarios. <sup>1</sup> A causa do enorme progresso da instrucção publica no seculo xix não é apontada por Spencer, mas o facto coincide com a concorrência do ensino polytechnico ou *scientifico* substituindo o esteril ensino humanistico, prolongado além do seu tempo pelos jesuitas.

Antes da fundação das Universidades, assim como o ensino estava concentrado nas Collegiadas e Mosteiros, era tambem entre a classe sacerdotal que existiam os homens mais illustrados. A aristocracia continuava a tradição medieval da ignorancia, como distinctivo heraldico; na sua comedia da *Aulegraphia*, (fl. 43 V) ainda Jorge Ferreira de Vasconcellos alludia a essa situação tornada proverbial: « *Mais fidalgo é não saber lêr.* » Camões, nos *Lusiadas*, tambem verbera duramente este atrazo da fidalguia portugueza. <sup>2</sup> No seculo xiii e xiv, alguns portuguezes frequentavam as Escolas de Paris e Montpellier, como se sabe pela tradição de Gil Rodrigues, o typo lendario do Fausto portuguez. No Cancioneiro da Vaticana, vem uma allusão aos trajos doutoraes de Montpellier, com que alguns se apresentavam em Portugal na côrte de D. Diniz :

Mais vejo-lh'i capello d'Ultramar,  
e traj' al uso bem de Mompilher.

Canç. n.º 1116.

---

<sup>1</sup> Falcão de Rezende, em um Satyra do meado do seculo xvi, descreve esta situação :

Não fallo já no mais da redondeza,  
Cá em nosso Portugal principalmente  
Sangue e saber, por vil metal se préea.

(*Obras*, p. 273.)

Inhabil na christã Philosophia,  
Porque o pae, cego, e tendo por affronta  
Diz que qualquer fradinho isto sabia.

(*Ib.* p. 295.)

<sup>2</sup> Camões não é menos severo com este alphabetismo aristocratico :

Emãh, não houve forte Capitão  
Que não fosse tambem douto e sciente,  
Da Lacia, Grega ou barbara nação,  
Senão dos Portuguezes, tamsómente !  
Sem vergonha o não digo.....

(*Lus.*, C. v, est. 96.)

Mas o peor que tudo é que a ventura  
Tão asperos os fez e tão austeros,  
Tão rudes e de engenho tão remisso,  
Que a muitos lhe dá pouco ou nada d'isso.

(*Ibidem*, 97.)

Não admira que quando se fundou a Universidade portugueza (de Lisboa, e depois de Coimbra) o Prior de Santa Cruz de Coimbra e o bispo Dom Domingos Jardo patrocinassem a nova instituição conservando contra o seu espirito secularizador, a feição clerical que nunca perdeu até hoje. O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, como descreve D. Nicoláo de Santa Maria, tinha as suas eschololas de tal modo organisadas, que toda a fidalguia portugueza mandava para alli os seus filhos para serem educados; os principaes mestres do Mosteiro iam aperfeiçoar-se a Paris. Quando a Universidade foi transferida para Coimbra, em 1537, ficou sob a dependencia do Mosteiro de Santa Cruz, cujos priores tinham a dignidade de Cancellarios da Universidade, cabendo essa dignidade pela primeira vez a D. Bento de Camões, tio do nosso grande épico nacional. N'esta primeira época da Universidade predomina no ensino a tradição franceza, da qual os Gouvêas e Diogo de Teive foram os eminentes representantes; d'esta época provieram os espiritos superiores do nosso seculo quinhentista, como Camões, os Silveiras, Antonio Ferreira e outros.

Foi só em 1550 que a Universidade de Coimbra e as Eschololas menores cahiram sob o dominio dos Jesuitas; é d'esta data em diante que começa a decadencia da intelligencia e do sentimento nacional em Portugal, cujos effeitos se viram ao fim de trinta annos, na memoravel data de 1580, em que Philippe II se apoderou de Portugal.

O ensino das Collegiadas tinha sido fundado exclusivamente para aquelles individuos que se dirigiam ás ordens ecclesiasticas; n'este intuito a Egreja, pela bocca dos seus homens mais eminentes, condemnára a communicação com os monumentos litterarios da antiguidade greco-romana. Deu-se porém na Europa um facto capital, a propagação da sciencia e da philosophia da Grecia pelos Arabes. O contraste entre a educação clerical e a sciencia profana poz em evidencia a necessidade de alargar a área dos estudos. Tal foi a causa por que os Bispos ampliaram o ensino a todos aquelles que tivessem vontade de aprender; e esta revolução semi-secular no ensino, ainda assim foi determinada pelo poder temporal. Cabe a Carlos Magno a gloria de ter comprehendido esta aspiração da sociedade europêa, aproveitando-se do contacto com a Civilização arabe no Occidente; no anno de 787 dirigiu Carlos Magno uma circular aos bispos para que fundassem eschololas, dizendo-lhes: «Nós temos considerado que os bispados e os mosteiros... além da ordem de uma vida regular e da pratica da santa religião *devem tambem applicar seus cuidados a ensinar os objectos das letras daquelles que pela graça de Deus podem aprender, segundo a capacidade de cada um*; etc.» Carlos Magno allude n'este documento á ignorancia profunda que existia nos mosteiros, e conclue como argu-

mento: « Aqui está porque nós vos exhortamos não sómente para não desprezardes o estudo das letras, mas tambem, em uma intenção cheia de utilidade e agradável a Deus, a rivalisar em zelo n'este estudo, afim que possaes penetrar mais facilmente e mais directamente os mysterios da Santa Escriptura; ... Que se escolham para esta obra homens que tenham a vontade e a possibilidade de aprender, e o desejo de instruir os outros, e que isto seja feito sómente na piedosa intenção com a qual nós o ordenamos. » Era a corrente *secular* que arrastava a Egreja, e a forçava a aproveitar-se da sua disciplina espiritual para universalisar a instrucção.

Carlos Magno proseguiu constantemente no seu pensamento civilizador, ordenando pela sua Capitular de 789, que junto dos mosteiros e em cada episcopado se estabelecessem escholas de Grammatica, de Calculo e de Musica; <sup>1</sup> e á imitação dos kalifas de Cordova, o grande imperador fundava uma eschola no seu palacio, como se infere de uma allusão de Alcuino. Multiplicaram-se as escholas por toda a França sob a direcção episcopal, mas o espirito secular desenvolvia-se, a ponto de individuos fóra da Egreja acharem-se investidos com a auctoridade magistral, e cooperarem inconscientemente para o apparecimento d'esse grande periodo de actividade mental que começou com a Universidade de Paris, a qual serviu de typo em toda a Europa para esta nova organização pedagogica.

Este primeiro periodo de transição do ensino clerical para o secular coincide com a primeira Renascença, determinada pelo contacto com a civilização dos Arabes no seculo VIII, e pela iniciativa genial de Carlos Magno. Aparecem então os *Manegaud*, os cavalleiros errantes da sciencia que visitam as differentes escholas da Europa, sendo convidados para se fixarem nas terras, e recebendo episcopados em reconhecimento da sua superioridade. Alguns d'esses cavalleiros, como Gerberto, frequentam directamente as escholas arabes, d'onde trazem um mais adiantado conhecimento da mathematica, e o *abaco*. É então que o *Trivium*, que comprehendia a Grammatica, a Rhetorica e a Dialectica, se alarga com as *Quadrilogias*, ou sciencias positivas da Arithmetica, Geometria, Musica e Astronomia. A cultura da Medicina, em Montpellier, renova-se com a tendencia empirica dos arabes, sendo cultivada por alguns papas, como Silvestre II e João XXII. A velha divisão das sciencias, de Felix Memor, do *Trivium* e *Quadrivium*, é alargada por Gerberto, como o presentimento de uma organização do ensino universalista.

---

<sup>1</sup> J. J. Ampère, *Histoire littéraire de la France sous Charles Magnè*, p. 26. Ed. Didier.

Para Gerberto a sciencia é um todo unitario, a que elle dá o nome de *Philosophia*, dividida em dois ramos ou especies, *pratica e theorica*: a philosophia pratica divide-se em *dispensativa, distributiva e civil*, e a theorica divide-se em *Physica* ou sciencia da natureza, em *Mathematica* ou sciencia do intelligivel, e em *Theologia* ou sciencia do intellectual. Sobre esta divisão escreve Ampère filho: «Era preciso uma grande audacia e uma grande liberdade de espirito para collocar sobre a mesma linha a physica, a mathematica e a theologia, e fazer d'esses tres conhecimentos tres subdivisões da philosophia.»<sup>1</sup> É n'este facto que se nota o espirito de secularisação, que entrava no ensino da Igreja e que conduzia á fundação das Universidades.

A Igreja sentia que a razão humana se libertava, e tratou de vêr se se apoderava outra vez da disciplina dos espiritos; no Concilio de Roma de 1074 estabelece então a obrigação de lhe pedirem *licenças* para exercerem a profissão do ensino, e d'esta disposição que se torna effectiva no seculo XII é que deriva esse grão academico ou universitario de *Licenciado*. As Universidades ficaram em grande parte esterilizadas por esta intervenção ecclesiastica, da mesma fórma que na Renascença scientifica do seculo XVI os Jesuitas desviaram o espirito critico para a exclusiva disciplina humanistica das suas escolas. Na fundação da Universidade de Lisboa, em 1291, o papa Nicolau IV expede uma bulla de confirmação dos Estudos geraes, e submete a nova instituição á jurisdicção ecclesiastica: «Ordenamos que nenhuns Mestres e escolares, nem os que os servem, se (o que tal não succeda) acontecer que sejam presos por qualquer delicto, possam ser julgados por algum secular, nem castigados, a não ser que por juizo da Igreja os condemnados sejam entregues ao tribunal secular. Item, que os Escolares nas Artes e no Direito canonico e civil e na Medicina, os quaes seus mestres julgarem idoneos, possam ser *licenciados* na sobredicta sciencia pelo Bispo de Lisboa, que n'esse tempo fôr, e quando estiver séde vacante, por meio do Vigario capitular. E todo o mestre que na mesma cidade fôr examinado e approvedo em qualquer faculdade, excepto a theologia, prescindindo de outro exame poderá exercer livremente em toda a parte essa faculdade.» É assim que no momento em que o espirito secular, apoiado pelas novas ideias scientificas e philosophicas da Renascença provocada pelos Arabes, se concentrava na nova instituição pedagogica das Universidades, que a Universidade de Lisboa se acha á nascença subordi-

---

<sup>1</sup> Op. cit., p. 290.

nada aos « Abades da Ordem de Cister, aos Prioros das Ordens de Santo Agostinho e de S. Bento, e Reitores de certas Egrejas seculares do Reino de Portugal, » como o declara a bulla de Nicolau iv.

No ensino universitario conservou-se a feição clerical com a tradição das Sete Artes; o ensino da Musica mantem-se por causa do seu destino ecclesiastico; <sup>1</sup> a philosophia critica, em vez de se fecundar com a sciencia, como o entendia Gerberto, ficou a *ancilla theologicæ*, degenerando n'essa ôca dialectica dos *Quodlibetus*, as *summas thologicas*, em que se tratavam todas as questões, generalizando-se este titulo, usado por Henri de Gand, por todas as Universidades no fim do seculo XIII.

Na segunda Renascença, que coincide com o desenvolvimento escripto das linguas vulgares das novas nacionalidades, e em que as Escholas livres se concentram em Universidades, introduziu-se alguma coisa do principio scientifico das escholas arabes; assim, Rogerio Bacon proclamava o grande principio positivo da hierarchia scientifica: « A Mathematica é a primeira de todas as sciencias; precede todas as outras e prepara para ellas. » O desenvolvimento do poder real, necessitando da renovação do direito romano, collabora na actividade do espirito secular. O pensamento liberta-se pelas polemicas philosophicas, que suscitaram incidentalmente o livre exame nas heresias.

As palavras são uma verdadeira paleontologia social, e por ellas se vê indicada esta segunda phase pedagogica da Europa: depois do sentido tradicional da *Schola*, que trazia implicito um destino ecclesiastico, seguiu-se no uso commum a palavra *Aula*, que accentua essa outra tradição em que o ensino se cultivava no palacio do rei, d'onde se considerava que saíram as Universidades. A linguagem latina foi substituida pelos dialectos vulgares ou linguas nacionaes, e d'aqui veio essa designação de *romance paladino*, ou linguagem usada no palacio, em contraposição á Egreja. O mestre, que era anteriormente ouvido como um prégador, começou a cingir-se a um texto escripto, e por isso o ensino tomou um outro character em que aquelle que ensinava era o *lente*; finalmente o ensino restricto das Collegiadas é destinado a todos nos *Geraes*, e não sómente para a disciplina moral, mas para a cultura de todas as *faculdades*.

THEOPHILO BRAGA.

---

<sup>1</sup> Amador de los Rios, na *Historia critica de la Litteratura española*, t. I, p. 360, attribue o ensino da Musica na Universidade hespanhola á influencia da obra de Santo Izidoro (Etymologias, cap. II *De musica*).

# A REFORMA DA CARTA CONSTITUCIONAL

E

## O ACCORDO DOS GRUPOS MONARCHICOS

---

O conflicto entre as doutrinas retrogradas e as doutrinas revolucionarias, que no seculo actual se desenvolveu por toda a Europa, trouxe á civilização moderna o constitucionalismo, systema de natureza bastarda, imitado da evolução particular da sociedade ingleza, e que desgraçadamente tem sido o órgão de todas as oscillações politicas. Correspondendo ao eclectismo philosophico, este regimen das cartas constitucionaes procura estabelecer uma conciliação impossivel entre as bases do antigo organismo social e os principios de liberdade proclamados pela Revolução franceza, por um accordo dos reis com os povos, ou antes, por uma generosa concessão do poder real. Como observa Augusto Comte, esta politica, ostentando um soberbo desdem pelas utopias, propõe-se a mais chimerica de todas ellas, querendo fixar a sociedade n'uma situação contradictoria entre a retrogradação e a regeneração, por uma ponderação vã entre o instincto da ordem e o do progresso <sup>1</sup>. Tendo um caracter puramente transitorio, o constitucionalismo veio aggravar a crise revolucionaria, porque, não podendo dar-lhe uma solução, prolongou-a, difficultando o desenvolvimento espontaneo dos

---

<sup>1</sup> Aug. Comte, *Cours de philosophie positive*, vol. iv. — *Principios de philosophia positiva*, vol. II, p. 11.

elementos reorganizadores, e fazendo-a passar do estado agudo para o estado chronico em todo o Occidente. Particularmente em Portugal, pelas condições especiaes de bestialisação, em que nos deixou o jesuitismo e o santo officio, e de indiferença politica, que nos legaram as luctas fraticidas do reinado de D. Maria II, encontrou o regimen constitucional um longo periodo de paz para se consolidar e produzir os seus fructos naturaes e um povo docil e submisso, que se contentava com as regalias concedidas na Carta outorgada por D. Pedro IV e restabelecida, depois de varias campanhas civis, por sua filha. Era mais do que o necessario para uma experiencia definitiva.

Como se sahiu o constitucionalismo d'esta prova? Conciliou os restos do antigo regimen com os principios revolucionarios? Aniquilou as duas doutrinas rivaes, a doutrina retrograda, que pretende voltar ao passado, e a avançada, que aspira a reorganisar a sociedade sobre bases novas? Conseguiu, porventura, levantar o paiz do estado de abatimento e de miseria, a que o arrastou o absolutismo devoto e insensato?

Não; o regimen constitucional, apesar da inalteravel paz que tem disfrutado, não soube, ou não pôde firmar-se solidamente entre nós, porque lhe faltou sempre o consenso unanime das consciencias, unica base e garantia estavel de todos os progressos sociaes. Como producto hybrido do embate de duas doutrinas oppostas e incompativeis, desabrochou no terreno lodacento do indifferentismo e da inacção, e vegetou livremente em quanto lhe não deu o vento rijo dos desenganos e das necessidades. Hoje, porém, ameaça ruina; a doutrina revolucionaria espalhou-se rapidamente no seio das cidades e começa a invadir os campos, propagando-se de aldeia em aldeia, como o incendio no interior da floresta.

Os poderes constituídos comprehendem o perigo que se aproxima e temem as consequencias; diligenciam pôr obstaculos ao movimento revolucionario. É assim que se explica o projecto de reforma da Carta e o accordo dos grupos monarchicos, aquelle apresentado ás côrtes no principio do anno findo e este levado a effeito ultimamente com a entrada de dois ministros constituintes para o gabinete regenerador e com a concessão feita aos progressistas de modificações profundas na lei eleitoral. E ambos estes factos foram promovidos pelo homem que melhor representa o constitucionalismo portuguez, como centro de todas as oscillações politicas nos ultimos vinte annos, e que ainda não ha muito considerava a Carta constitucional á altura das nossas necessidades sociaes e estigmatizava em absoluto as alianças com os grupos monarchicos opposicionistas. Semelhantes contradicções politicas, condemnaveis sob o ponto de vista moral e inadmissiveis n'uma sociedade bem con-

stituída, foram recebidas sem incorrerem na justa reprovação pública e sancionadas pelos applausos da maioria parlamentar e pelo accordo realisado com as minorias monarchicas. Para nós, são apenas um symptoma da crise politica e social, que cada vez se torna mais evidente e que em Portugal é um reflexo do que se passa nas outras nações da Europa — as ultimas luctas entre os privilegios da realza e a emancipação completa dos povos.

Não analysaremos aqui o rachitico projecto de reforma apresentado pelo governo, nem discutiremos o accordo tão decantado dos regeneradores e constituintes com os progressistas. Estas materias têm sido amplamente tratadas pelo jornalismo, tanto monarchico, como republicano, em artigos inuteis e absurdos, proprios só para augmentar a dissolução mental que lavra na sociedade. A reforma proposta pelo gabinete regenerador é demasiadamente restricta e capciosa para merecer a attenção séria da critica; ao mesmo tempo o accordo dos grupos monarchicos tem um character simples e natural, sem as nebulosidades tetricas e mysteriosas que assustaram alguns revolucionarios impressionaveis. N'este artigo pretendemos sómente mostrar que estes factos encontram a sua explicação logica no estado actual da sociedade portugueza e que, tendo em si mediocre importancia, são comtudo um symptoma gravissimo da profunda revolução imminente. Seremos imparciaes, porque não nos cega a paixão politica, nem estamos presos por conveniencias de qualquer especie a algum dos partidos militantes. A philosophia positiva garante-nos a independencia e a segurança do nosso ponto de vista sociologico e moral.

O povo portuguez encontra-se a braços com uma ameaçadora crise economica. A nossa situação financeira é desgraçadissima. A divida publica cresce espantosamente, os impostos augmentam de anno para anno, os juros da divida absorvem a melhor parte da receita do Estado, as despesas sobem constantemente, o *deficit* progride, e a nação não se desenvolve proporcionalmente para sustentar os novos encargos. D'ahi o definhamento gradual, bastante sensivel, da agricultura, da industria, do commercio, de todas as fontes de riqueza material e social. D'ahi o mal-estar progressivo que soffrem particularmente as classes pobres, a falta de trabalho, a diminuição de salarios, a carestia dos generos, o augmento das rendas de casas, e emfim a miseria com todos os seus horrores. É triste o quadro, mas verdadeiro. Merece um estudo minucioso e demorado. N'estas palavras indicámos apenas o fundo da scena politica, de que ora nos occupamos.

A vida politica em Portugal não desperta ainda o interesse de toda a nação. Só uma parte, a minoria, da população politica se preocupa mais ou menos com a marcha dos negocios publicos. E

por população politica entendemos só o conjuncto de individuos a quem as leis vigentes concedem a regalia de intervirem pelo suffragio na direcção geral do paiz. D'essa população só metade mostra interessar-se pela politica nas principaes cidades, e duas quintas partes no resto do reino. É pouco incontestavelmente, mas comparado ao que succedia ha dez ou quinze annos, representa já um notavel progresso. Este renascimento popular para a vida publica tomou maior impulso nos ultimos annos, em particular desde 1880, quando a celebração do tricentenario de Camões despertou a consciencia nacional adormecida, e coincide com o augmento constante das difficuldades financeiras, economicas e politicas, que o Estado tem encontrado, tanto no interior, como nas relações internacionaes, e com o mal-estar crescente das classes laboriosas. O movimento politico tende cada vez mais a dilatar-se, vencendo o indifferentismo desolador da maioria.

A parte politica da nação divide-se em quatro partidos, o absolutista, o monarchico constitucional, o republicano e o socialista. O primeiro e o ultimo são relativamente insignificantes pelo numero de seus adeptos. O absolutista ou miguelista compõe-se quasi na sua totalidade de velhos caturras, que se conservam fieis á causa por que derramaram sangue, ou a que estavam presos por interesses ou ligações de qualquer natureza; a esses estão unidos os filhos de alguns que soffreram pela sua dedicação a D. Miguel, e que se vangloriam de guardar respeitosa e as tradições de familia. Se é nulla a acção exercida por este partido, se as suas ideias demasiadamente retrogradadas não conquistam a sympathia dos homens novos, merece, comtudo, acatamento a conducta recta e coherente de muitos de seus membros.

No extremo opposto, o partido socialista, formado por operarios, entre os quaes se contam boas intelligencias, occupa hoje logar secundario e quasi de todo espectante, depois de ter sido o iniciador do moderno movimento democratico, porque a agitação revolucionaria foi absorvida inteiramente pelo partido republicano, organizado no seio da burguezia. Um programma provisorio, onde se consignam soluções justas a par de utopias metaphysicas, dá aos socialistas sérias probabilidades de alcançarem, n'um futuro proximo, larga influencia politica. Terão, porém, de abandonar o exclusivismo de classe, para se erguerem á comprehensão da sociedade com todos os seus elementos organicos. A acção politica d'este partido, no momento presente, limita-se á propaganda oral e escripta dentro d'uma área estreitissima.

Entre os dois partidos extremos, move-se a grande massa da população politica, formando na realidade dois partidos — o monarchico e o republicano — cada um dos quaes se divide e se sub-

divide em grupos e sub-grupos mais ou menos accentuados, distinguindo-se todos mais pelo nome do chefe do que pela variedade das suas doutrinas.

Consideremos primeiro o partido republicano. Este partido começou a organizar-se de facto em 1875 com elementos sahidos do partido socialista e outros vindos da monarchia por despeitos pessoais ou por conveniencias politicas, e separou-se em breve em dois ramos: republicanos federaes e republicanos unitarios. Estes, corrompidos pela sua origem monarchica, mantiveram as velhas alianças e relações de amizade com os grupos onde haviam militado. Os outros, fortalecidos por convicções scientificas, tomaram ostensivamente a direcção do movimento democratico, succedendo aos socialistas, que proclamavam então a abstenção politica; de 1878 a 1881 desenvolveu-se por tal fórma a propaganda republicana, que as adhesões surgiam de todos os lados, conquistando terreno quer ao indifferentismo, quer á monarchia. Os centros e os clubs multiplicaram-se, o jornalismo implantou-se triumphante. Infelizmente o maior numero dos novos adherentes não tinham convicções sólidas, não possuíam ideias definidas; eram trazidos por um vago sentimento de justiça, por desillusões e descontentamentos pessoais ou pela ambição desmedida de figurar. A declamação rhetorica e metaphysica, as concepções negativistas de um periodo de dissolução mental, as incoherencias caprichosas de momento, o amor proprio das personalidades enfatuadas, tudo contribuiu para desnortear o partido republicano, estabelecer profundas dissensões entre os seus membros, e preparal-o para aventuras de toda a ordem. Não tem programma, não tem plano, não tem trabalhos alguns destinados á reorganisação politica e social da nossa sociedade; contenta-se com a queda da realeza e a immediata proclamação da republica. O pequeno grupo dos federalistas scientificos que prégam a reorganisação da sociedade sem Deus e sem rei sobre bases positivas acha-se em condições identicas ao partido socialista. A direcção do partido republicano, que em 1881 se dispersou por um numero extraordinario de clubs e pelas folhas republicanas, foi ha um anno confiada a um directorio formado de elementos heterogeneos e rivaes, absolutamente improprios para darem unidade ao movimento. Apesar da indisciplina geral que lavra nas fileiras republicanas, apesar da preponderancia dos funcionarios publicos, dos advogados e dos litteratos essencialmente metaphysica e dissolvente, este partido é numerosissimo, augmenta de importancia de dia para dia e ameaça derribar de um momento para outro a instituição monarchica, porque a crise economica destroe o indifferentismo, e o descontentamento dos influentes politicos devasta os grupos conservadores. Se no parlamento não se faz representar por um numero importante

de deputados é simplesmente porque a organização eleitoral adoptada o não permite. Os recenseamentos feitos por agentes monarchicos, de ordinario governamentaes, não incluem todos os que, segundo as leis, podem usar do direito do suffragio; os suspeitos são excluidos; pelo contrario introduzem muitos nomes de eleitores suppostos ou de individuos fallecidos, que apesar d'isso apparecem a votar no dia das eleições. A pressão governamental e a corrupção exercida impudentemente acabam a obra, dando sempre uma esmagadora maioria ao gabinete que preside á farça eleitoral. Assim o partido republicano ainda não pôde mandar á camara mais de dois deputados e esses em condições excepcionalissimas. No emtanto a sua força, além de se manifestar brilhantemente nas campanhas eleitoraes desde 1878, fez-se sentir na commemoração do tricentenario de Camões, nos famosos *meetings* contra o tratado de Lourenço Marques, etc. etc.

Face a face com o partido republicano temos o partido monarchico. Este hoje tem por missão aguentar a realeza contra os embates de mais em mais fortes das ondas revolucionarias. Como entre os republicanos, não ha unidade nas alas monarchicas; muitos, se não todos os partidarios do throno, têm por vezes dado apoio aos revolucionarios nas suas luctas de grupo para grupo; os projectis que mutuamente se atiram não deixam incolume a frente do monarcha. Esquecem d'este modo a sua missão. Os odios que apparentemente dividem os grupos monarchicos não têm raizes profundas, nem provêm de antigas tradições. O duello de cartistas e setembristas já pertence á historia; e os grupos que modernamente disputam o poder nada têm de vêr com esses velhos partidos, de que não restam representantes legitimos. Esses tomaram por bandeira duas constituições distinctas, uma de origem real e outra de origem parlamentar; os actuaes, ao contrario, advogam todos as mesmas ideias, os mesmos principios, as mesmas doutrinas, não ha differenças bem apreciaveis de um para outro grupo. O seu ideal é o mesmo — alcançar o poder pelo poder. As designações de *regenerador*, de *progressista*, de *constituente*, adoptadas pelos tres grupos monarchicos, não traduzem planos especiaes, ou modos de vêr differentes. As divergencias são puramente pessoases.

O partido regenerador é o mais antigo, o unico na verdade experimentado no exercicio do poder, que arditosamente monopolizou nas suas mãos em detrimento dos grupos rivaes e de todo o paiz. Conservador por excellencia, nunca hesitou comtudo em perfilhar qualquer medida progressiva, desde que visse a opinião publica voltada a seu favor ou a opposição monarchica recomendar-a para ganhar a popularidade e o poder. Data de 1851 a influencia politica da chamada *segunda regeneração*, que desfraldou a ban-

deira dos melhoramentos materiaes, desprezando todas as questões verdadeiramente organicas. A astucia dos chefes, a corrupção systematica empregada como arma de combate, as boas graças do monarcha alcançadas pelo servilismo cortezão, as sympathias da burguesia capitalista attrahidas pela seducção das grandes emprezas financeiras, tudo deu a este partido o illimitado poderio de que tem usado e abusado até ao presente, sem encontrar deante de si uma opposição digna que se imponha sériamente, ou a vontade do povo a protestar contra os escandalos monumentaes de Tancos, Penitenciaría, e tantos outros que seria fastidioso enumerar.

Assim, pouco a pouco, annullou a acção dos partidos reformista e historico, os quaes gastos de força e desacreditados pelos proprios erros governamentaes desappareceram inteiramente da vida politica. Os seus restos fundiram-se em 1876 formando o grupo progressista, que diligenciou tornar-se popular e absorver o recente movimento democratico com a publicação de um programma espectaculoso de reformas politicas e sociaes, a maior parte d'ellas só possiveis de se realisarem n'um regimen republicano. A attitude revolucionaria d'este novo partido apenas illudiu um momento os incautos, porque chamado quasi inesperadamente ao poder, graças á habilidade politica do chefe regenerador, comprometteu-se para com o povo, pondo de lado as ideias fundamentaes e mais brilhantes do seu programma politico. Cahiu ingloriamente, tomando a peito a defeza de um dos actos mais censuraveis do partido regenerador, e desde então tenta reconquistar a perdida influencia por meio de ataques directos contra o rei e de uma violenta propaganda revolucionaria.

Emquanto ao partido constituinte, a sua influencia no paiz, além de insignificantissima, quasi não se faz sentir fóra da área das propriedades ruraes do seu principal chefe, antigo membro do partido regenerador. A origem d'este grupo foi o traçado do caminho de ferro da Beira, isto é, uma questão de interesse meramente pessoal, que se escondeu logo sob a mascara das reformas politicas e da convocação das constituintes.

Como se vê, o partido regenerador é o unico que de facto governa o paiz, senão desde 1851, pelo menos desde que conseguiu supplantar de todo as antigas opposições monarchicas. Se por vezes o poder moderador confia a direcção do Estado a homens politicos estranhos a esse partido, deve-se isso a conveniencias politicas do chefe regenerador que entra e sae do gabinete, quando lhe appetee, e não quando o indicam as praxes constitucionaes. Bem longe estamos nós do regimen constitucional da Inglaterra e da Belgica, onde o poder oscilla entre os conservadores e os progressistas — *torys* e *whigs*, clericas e liberaes. Em Portugal o constitu-

cionalismo não passa de uma dictadura mansa, pacifica, onde as vontades do governo são sancionadas por uma camara electiva composta na sua maioria de deputados impostos aos circulos pelos governadores civis, administradores e mais empregados de confiança ministerial, e por uma segunda camara de nomeação regia e hereditaria.

O homem que melhor representa este systema, que é por assim dizer a sua incarnação viva e completa, merece menção especial. Referimo-nos ao snr. Fontes Pereira de Mello, chefe actual do partido regenerador, presidente do conselho de ministros e o director supremo da politica portugueza. Discipulo de Rodrigo da Fonseca Magalhães, acceitou o seu cynico plano de corrupção publica e pô-lo em pratica com a audacia e a perseverança dignas de melhor empresa. Sem ter a intelligencia do mestre, sem possuir uma solida educação scientifica ou litteraria, antes crassamente ignorante, mas dotado de uma organização em extremo orgulhosa, propria para o dominio e para o commando, tem sabido habilmente equilibrar-se no poder; o seu triumpho funda-se na versatilidade politica dos contemporaneos, na falta de convicções, no abaixamento dos caracteres, na monomania dos empregos publicos, emfim na miseria geral das consciencias. Não é um homem de Estado. O seu empirismo na direcção dos negocios publicos não provém de qualquer plano preconcebido ou longamente meditado, nem de qualquer ideia racional ou doutrina metaphysica; não é o empirismo de Luiz XI ou de Richelieu, de Aranda ou de Pombal, de Cavour ou de Gambetta; não, de modo algum, todos esses foram estadistas na verdadeira accepção da palavra, embora nenhum d'elles possa servir de ideal para os estadistas do futuro, os sociologistas praticos que appliquem á sociedade as modificações aconselhadas pelo estudo dos phenomenos sociaes. O snr. Fontes não se póde comparar ao alchimista que creou a chimica procurando a liga do ouro ou a pedra philosophal, nem ao physico que nas côrtes da idade média exercia as funcções que hoje pertencem aos medicos; mas, sim, assemelha-se ao dentista que nas feiras, em pé sobre um caleche, reúne ao redor a multidão embasbacada e lorpa, a quem offerece os seus elixires maravilhosos e promete tirar dentes sem dôr por um preço modico. Assim o illustre ministro proclama a reorganização das finanças, a extincção do *deficit*, a reforma do exercito, o derramamento da instrução publica, a criação da marinha nacional e mil outras promessas, cuja realisação nunca chega, mas que entreteem e divertem os eleitores ingenuos.

O snr. Fontes, habil como é, não desconhece a situação e sabe medir-lhe todos os perigos. Não os podendo eliminar, corre ao encontro d'elles, procura attenuar os efeitos violentos, diligencia

mesmo aproveitar a força contraria, desviando-a da corrente normal, para com ella equilibrar-se no poder e garantir o throno á dynastia. Assim se explicam as suas contradicções apparentes, os seus ultimos actos, que desagradaram a muitos dos seus correigionarios, porque não o puderam comprehender. O partido republicano engrossa as suas fileiras, mostrando os vicios fundamentaes da monarchia, denunciando os seus fracos, os seus lados pôdres, indicando, clamando, pedindo reformas radicaes. Os progressistas descontentes, corridos do poder, indispostos com a realeza, vociferam contra os escandalos, fazem côro com os revolucionarios, lembram a abdicção, propagam a ideia das constituintes para reformar a Carta e restringir os privilegios da corôa. Os constituintes secundam esta accção, este ataque desesperado contra a supremacia regeneradora, contra o monopolio da auctoridade, arvorando tambem a bandeira das reformas politicas. O proletariado, luctando com a miseria crescente da sua situação, e a burguezia, vendo anuvearem-se os horizontes com a decadencia geral do commercio e da industria, prestavam já ouvidos á declamação revolucionaria das opposições colligadas n'um pensamento commum de guerra contra o existente. O terreno fugia debaixo dos pés do governo. Como equilibrar-se no poder? Havia um unico processo: abandonar a politica conservadora e tomar a dianteira aos partidos adversarios perfilhando a ideia das reformas politicas. Foi o que fez o snr. Fontes. A reforma da Carta constitucional, como a propoz o gabinete regenerador, não só é inutil, por extremamente rachitica, como tambem uma arma empregada para desvirtuar as ideias propaladas pelas opposições monarchica e republicana. Porém, este plano abortaria se os constituintes e os progressistas prérgassem a abstenção, deixando aos regeneradores a plenissima responsabilidade da reforma. Lucravam então os revolucionarios, cuja conducta encontraria o apoio tacito ou declarado da opposição monarchica. O snr. Fontes, percebendo o risco imminente de semelhante passo, começou por pactuar com os constituintes cedendo-lhes duas pastas, e em seguida, temendo a attitude dos progressistas, chamou-os a um accordo politico para a discussão da reforma da Carta a troco de algumas concessões concernentes á lei eleitoral. Assim todo o partido monarchico toma a responsabilidade das reformas politicas, ficando os regeneradores com a gloria da iniciativa e com todas as probabilidades de continuarem a dar as cartas no jogo da politica portugueza. Tudo isto é mais uma scena isolada da lucta entre o instincto progressivo e a resistencia retrograda, onde por'ora ainda leva toda a vantagem o regimen meta-physico.

Mas surge-nos agora um problema. Realisar-se-hão os planos do snr. Fontes com toda a regularidade e á medida dos seus dese-

jos? Approvará a camara dos pares a reforma? Supponhamos que a sanciona, e que são convocadas as constituintes, poderá o snr. Fontes contar com a submissão passiva da maioria, como tem succedido até hoje nas côrtes ordinarias? Como se sabe, uma grande parte dos homens politicos, principalmente os novos, que militam nos tres grupos monarchicos, advogavam, nos tempos em que frequentaram a universidade ou as aulas publicas, ideias avançadas, radicaes, ideias que abandonaram depois, movidos sómente por conveniencias pessoais, por interesses meramente materiaes, mas que continuam a professar e a defender no convivio particular, no circulo intimo dos amigos. Esses homens, monarchicos apenas de transição, sem convicções arreigadas, que de certo hão de formar a maioria da camara constituinte, conservar-se-hão na orbita traçada pelo snr. Fontes, ou não irão além, não serão arrastados por influencias de outra ordem a soluções mais arrojadas? Emquanto a nós, crêmos que tudo depende das condições especiaes do momento, tanto internas, como externas, sobretudo estas e nomeadamente dos successos da nação visinha. Aguardemos os factos. Qualquer previsão nas circumstancias actuaes seria prematura.

TEIXEIRA BASTOS.

# ENSAIO DE PREHISTORIA

DA

LITTERATURA CLASSICA ALLEMÃ

---

IV

O leitor não se admire de me ouvir fallar de uma *religião de delinquentes*. Isto não é uma simples phrase, mas a expressão genuina de uma verdade.

A religião christã, se tivesse seguido sómente o caminho que lhe traçara o seu fundador, se logo no começo do seu desenvolvimento não se tivesse posto em contacto com elementos estranhos e perturbadores da sua primitiva pureza, talvez hoje apresentasse uma feição bem differente. Mas assim transtornada, como ella ficou, desde os proprios tempos apostolicos; — triste e *sombria*, como deixou-a o paulinismo triumphante, a religião christã é realmente uma religião de *peccadores*. Ao lado da *ideia* da justiça, a *ideia* do *peccado* fórma a base da theologia paulinica; d'onde proveio essa tão fallada e terrivel antinomia entre o *espirito* e a *carne*, que faz de todo o crente sincero um ente lastimavel, sempre em lucta com a consciencia, tendo sempre deante dos olhos o phantasma dos seus peccados.

É uma coisa hedionda a religião assim comprehendida. Felizmente o tempo que tudo attenua, tem também attenuado esse caracter lugubre e horripilante do christianismo, *respectivè*, do catholicismo; o que talvez se possa explicar pelas maiores proporções que ha tomado o *momento* comico do sacerdocio na tragedia do Calvario. Não se julgue, porém, que já hoje nos falta de todo a occasião de observar scenas de tal natureza. Eu que não sou dos mais velhos, ainda alcancei tempo em que as *coróas de espinhos* e as *disciplinas de aço* representavam um papel saliente no processo da *salvação*. Era a mesma época, na qual predominava em ambos os sexos, o costume selvagem de, só exceptuando o cabello da cabe-

ça, capinar o corpo inteiro; e então o pedaço de navalha velha, que já não se prestava a este ultimo serviço, passava a fazer parte dos instrumentos de penitencia.

Ainda conservo bem viva a lembrança d'esse tempo, e não menos viva a impressão produzida por aquelles calmos e tenebrosos espectaculos da sandice humana, que se chamavam procissões de preces, procissões penitenciaes. A terra, d'onde sou filho, demora em uma planicie. As vistas que se lançam da porta do templo vão quebrar-se nas moutas sombrias, que bordam as margens de um rio. Estavamos n'uma sexta-feira de quaresma; a multidão de devotos não cabia na igreja. A procissão sahia, levando na frente a cruz e a matraca. Á medida, porém, que a linha do povo se ia distendendo e tomando geitos de serpe, começavam a surgir dos escondrijos da beira do rio uns vultos brancos, mal distinctos ao principio, mas logo depois bem visiveis. Eram centenas de idiotas religiosos, immoralmente envoltos em alvas saias femininas, com os rostos cobertos e as costas nuas, sobre as quaes vibravam as *disciplinas*, á esquerda e á direita, no mesmo rhythmo em que os cavallos açoi-tam com as caudas incommodas *mulucas*.

O sol pendendo para o occaso e como que olhando de soslaio para aquelle quadro repugnante, dava ao sangue, que já escorria do dorso dos miseros e nodoava-lhes as roupas uma apparencia de negrume, um aspectó asqueroso. Era uma coisa horrorosa; mas era a religião. . .

Não ficava ahí. Ao spectaculo da tarde, que fallava aos olhos, vinha o spectaculo da noite, especialmente preparado para o ouvido. Fallo d'aquellas plangentes *encomendações de almas*, feitas a deshoras, quando por toda a parte reinava o silencio e o repouso. Um grupo de musicos sahia a dar a medonha *serenata*; havia mesmo composições especiaes para esse fim. Ainda me lembro que então passava pelo primor do genero o respectivo trabalho de um compositor mineiro, que viveu e fez época na minha provincia. Não se descreve a *impressão* recebida, quando a *capella nocturna* começava a *encomendação*, escripta em *fa menor*, com umas phrases iniciaes, que semelhavam soluços, e de repente, por uma transição mal sentida, o violoncello batia na *terça maior*, e o baixo dizia syllabica e monotonamente estas palavras de feroz increpação: *pêc-ca-dor-en-du-re-ci-do!!*. . . Sentia-se o inferno! Mais de um velhõ acordava sobresaltado, e muita creança despertava chorando. Nem havia meio de respirar-se mais livremente, abrindo uma porta ou uma janella; pois que corria a tradição que quem isto praticava, só via um *rebanho de ovelhas* (eram as almas), e logo após um frade sem cabeça, que dava uma vela de cera para guardar ao curioso observador, o qual, procurando-a de manhã,

não a encontrava!!... Sobre quem fosse realmente o frade, a theologia local ainda não estava bem assentada; as opiniões divergiam. Uns affirmavam que o *frade* não passava de uma *alma penada*; outros, porém, sustentavam que era o diabo disfarçado. Em todo o caso, ninguém ousava pôr em duvida a necessidade de *rezar pelos mortos*, para alliviar-os das suas penas, e de rezar por si mesmo, para livrar-se do peso das proprias culpas. Sempre no fundo uma religião de *culpados*, uma religião de *criminosos*. E a impressão de terror, que tantas vezes experimentou o menino de outr'ora, não deixa de repercutir dolorosamente nas ideias e sentimentos do velho de hoje!

Voltemos agora ao nosso assumpto. A digressão é perdoavel.

Em contraste com a renascença italiana a arte allemã d'aquelle tempo traz sempre o cunho gothico. Os artistas parecem indicar um sentido mais profundo, para o qual o quadro não seria apto; elles são ricos de symbolos, até mesmo de enigmas. Gosta-se de observar o mundo com *humor*; as fabulas e os proverbios são os generos mais apreciados da litteratura. Da fabula zoologica desenvolveu-se desde antigos tempos uma epopeia zoologica. Em 1498, o *Reineke Fuchs* é traduzido do niederlandez para o *plattdeutsch*; elle é com rasão, ao lado do *Nibelungenlied*, o mais popular dos velhos poemas allemães, e bem mereceu ser relembrado pelo grande mestre do periodo classico. O rei Nabel, diz J. Schmidt, é uma das mais gaiatas figuras, que a poesia já creou; mas tambem não lhe falta um certo serio, e o supplemento de 1498 deixa vér bem claramente a disposição dos allemães em relação á Egreja.

O papa considerava o barbaro norte como provincia tributaria; elle fazia trabalhar a machina ecclesiastica, já um pouco enferrujada. A final os allemães, a quem se mandava os mais impudentes religiosos mendicantes, estavam caçados de se prestarem á especulação da frivolidade romana.

Pouco a pouco, porém, d'um modo penetrante, o *humanismo* tinha tambem aberto caminho na Allemanha, e foi aqui cultivado com mais profundeza do que na Italia. Os humanistas tedescos procediam pedagogicamente: — escreviam tratados, grammaticas, dictionarios. A par do latim, foram tambem objecto de estudo o grego e o hebraico. Homens como Agricola, Conrado Celtes, Reuchlin e outros emulavam com os melhores humanistas italianos. Pela imprensa foi posta em segurança a nova riqueza classica, e ao mesmo tempo a cultura transmittida a mais largos circulos. Fallava-se então de coisas *estupendas*: — segundo Copernico, a terra que se cria firme, devia rodar! Com a descoberta das duas Indias ella ganhou uma fórma redonda, e todo o mundo começou então a orientar-se sobre ella. A natureza com suas leis impôz-se á reflexão, e

o humanismo tedesco tomou a direcção decisiva contra a superstição e a sua séde em Roma.

Nas cartas dos *Dunkelmänner* foram ridicularisados os zelótas, ignorantes, que tinham perseguido o grande humanista Reuchlin. No numero dos auctores foi tambem contado o joven cavalleiro Utrich von Hutten, que durante uma estada de dois annos na Italia havia atacado o papa e toda a cleresia em satyras latinas. Depois de sua volta, Hutten foi coroado como poeta pelo imperador Maximiliano, em Augsburg a 12 de julho de 1517, e ousou logo em seguida dedicar ao papa um escripto heretico: — no prologo elle pintou os papas como uma serie de loucos e scelerados, exceptuando ironicamente a Leão x.

Mais do que isto porém incommodou ao pontifice o clamor levantado pelos *mendicantes* por causa das indulgencias. Foi a celebre proposta das 96 theses de Lutero contra o dominicano Tetzl. A questão tornou-se popular, e o papa deveu temer que se lhe obstruisse aquella rica fonte de receita.

## V

É sabido qual foi então a attitude da Egreja diante do ousado monge.

Depois da morte do imperador Maximiliano, os principes tedescos tinham eleito Carlos v. Quando este em maio de 1520, foi pela primeira vez á Allemanha, recebeu a saudação de Hutten e Lutero em dois escriptos, que exprimiam a disposição prazenteira d'aquelle periodo juvenil da Reforma. Ambos eram decididamente gibellinos.

Hutten accusava a tyrannia dos padres romanos: — « doch wird sie, wenn mich nicht alles trugt, bold vernichtet werden » — dizia elle. Não era nova esta ameaça. Já no seculo XIII o padre Langtof, na Inglaterra, fazia ouvil-a, como refere Eduardo Freeman, nos seguintes versos:

*Papa cito moritur. Cæsar regnabit ubique,  
Sub quo tunc vana cessabit gloria cleri.*

Mas nem por isso o grito de Hutten era menos prophetic. No mesmo escripto elle celebrava Arminius, o precursor das luctas da Germania contra Roma, o qual justamente em 1519 se tornára conhecido pela primeira edição de Tacito.

Em sua carta — *An den christhichen Adel deutscher Nation*, — da qual se pôde dizer que prestou n'aquelle tempo o mesmo servi-

go que tres seculos mais tarde prestaram os *Discursos* de Fichte, Luthero agradecia a Deus por ter dado á Allemanha como chefe *ein junges edles Blut*, e d'est'arte aberto a muitos corações a perspectiva de grandes esperanças. Entre outras cousas elle dizia: — «Quando pensavamos ser senhores, tornamo-nos criados; temos o nome, o titulo e as armas do imperio; mas os seus thesouros e poderes, quem os tem é o papa: elle come o miolo, e nós brincamos com a casca vazia».

A bulla, que logo em seguida o papa expediu contra Luthero, este publicamente lançou no fogo. Levantou-se na Allemanha um jubilo geral. Lucas Cranach, cujos retratos transmittiram á posteridade as feições do grande monge, zombou do papa em uma serie de caricaturas; Albrecht Dürer abandonou-se de todo á nova doutrina; Sickingen offereceu um asylo a Luthero; Hans Sachs, o ultimo *Meistersänger*, deu alegre testemunho do... *Wittenbergisch Nachtgall*, — *die man hört singen iberall*. Os humanistas acercaram-se do reformador. Elle tinha expresso aquillo que principes, cidades e cavalleiros traziam no coração, como voto intimo e secreto: — separar-se de Roma; separar-se dos homens, de que fallava o auctor das *Epistolæ obscurorum virorum*; separar-se em fim do engôdo guelfo.

Como no tempo dos Hohenstaufen, a nação devia de novo, tendo na frente o imperador, fazer valer a honra da Allemanha. O momento era decisivo. Havia então a possibilidade de que esse grande paiz se transformasse de dentro para fóra, em um estado nacional, o mais poderoso da Europa. Que força immensa se escondia por detraz do reformador, mostrou a sua marcha triumphal, quando elle teve de apresentar-se em Worms. Mas a resposta do imperador foi o *acto* de 26 de maio de 1521. D'este modo desapareceu a direcção nacional da Reforma; a direcção ecclesiastica tomou exclusivamente a vanguarda.

Luthero era um filho do povo, educado nas tradições montanhezas, que ainda remontavam ao velho paganismo. Se tivesse vivido em outras eras, a legenda ter-se-hia apoderado da sua figura, para mais engrandecel-a e divisal-a. Mas já não era tempo de fazel-o nascer, como Zoroastro, de uma virgem, — Dogdo, — que em sonho o recebera de um joven celicola; ou fazel-o, como Sakiamuni, descer em fórmula de raio luminoso de cinco côres ao seio d'outra virgem, que assim se tornára sua mãe; — legendas estas, que uma vez despidas do involucro poetico deram logar a que um auctor (*Les Révolutions de Paris*, de 1792) aventurasse a seguinte observação: — «os fundadores das mais importantes religiões foram todos bastardos». — Luthero era simplesmente um filho do povo, porém ao mesmo tempo um christão fervoroso.

Elle indignára-se, ao vêr em Roma com os seus proprios olhos o reinado geral da mentira. Era no tempo em que Giovanni de Medici, o discipulo de Poliziano, pondo em pratica as palavras que proferira, subindo ao pontificado — *godiamoci il papato, poi che Dio ce l'ha dato*, — com o seu sequito de poetas e philologos, fazia bons versos latinos e bebia melhores vinhos. O grande monge inquietou-se; e logo descobriu onde estava a fonte do mal: — na *justificação* pelas obras. Esta presuppõe que a vida se deixa, por assim dizer, dividir em pedaços; mas para o sentimento do allemão a vida é uma unidade, uma integridade indivisivel. Não é esta ou aquella acção, porém o fundo mais intimo da personalidade o que decide dos destinos da alma. Não ha *purgatorio* que salve o homem do inferno da consciencia remordente. É de si mesma que a alma quer tirar o seu elemento divino, luctando, como Jacob, com o proprio Deus.

O principio de Luthero: — não são as obras que salvam, porém sómente a fé, — não exprime indifferença para com os actos em geral; elle era dirigido unicamente contra o sentimento da segurança; gerado pela pratica de taes e taes acções, — que é o maior inimigo do homem. N'este sentido é que elle dizia: « *fides sola justificat, sed fides non est solitaria* ». (Dorner. — *Geschichte der protestantischen Theologie*, pag. 261).

Lúthero, como decidido paulinista, estava bem convicto da peccabilidade da natureza humana; comtudo não era menor a sua crença no facto da salvação; mas a consecução d'esta é problema só do individuo, ninguem mais pôde auxilial-o n'este mister. A vida de todo o christão, — não sómente a do sacerdote, — deveria ser uma prece constante, não de tantas e tantas *Ave Maria*, *Pater noster*, etc., porém uma prece sahida das profundezas da alma, uma especie de combate com o Senhor, embora timida e tremulamente, mas sempre com inteiro sentimento da força da vontade.

Semelhante doutrina religiosa, uma theoria da fé assim concebida, não podia deixar de produzir bons fructos; e elles vieram em abundancia. Seria ao certo um curioso estudo a indagação dos laços que prendem todos os feitos ultteriores do pensamento allemão á grande obra da Reforma. Sem Luthero, um Kant, por exemplo, seria possivel? Sem o presuppuesto lutherano d'aquella fé, que a alma tira do seu proprio fundo, sem intervenção de ninguem, seria possivel o *imperativo categorico*? Limito-me a perguntar.

Crescido numero de correligionarios já Luthero contava na Allemanha; cada vez mais a opinião publica tomava o lado d'elle. Em setembro de 1522 o *Reichstag* de Nuremberg foi surprehendido por uma mensagem do novo papa Adriano, que exigia de certo fosse opprimida a heresia lutherana, mas tambem confessava francamen-

te os erros da curia, e promettia corrigil-os. O *Reichstag* mandou imprimir essa confissão, tomou nota das promessas e não accitou as exigencias. Em Roma porém o piedoso e bem intencionado pontifice não teve força de realisar o menor melhoramento; podia-se então imaginar para a Reforma uma justificação mais completa?

O protestantismo levantou um novo principio de moralidade, o qual, em opposição á renascença, corresponde essencialmente ao espirito allemão: — elle repousa sobre o lar e a familia. É certo que Lutero não quiz dar ao casamento character sacramental, porém declarou-o, não só como coisa licita, mas tambem como moral e religiosamente ordenada. Homem e mulher não devem viver isoladós, elles pertencem um ao outro. O homem deve ser o senhor da casa, mas a mulher é tambem a senhora. Meio gracejo, porém no fundo completa seriedade, — Lutero chamava muitas vezes á sua Kathe — *dominus meus*. Fóra do lar, entretanto, a mulher nada tem que vêr; por isso a galanteria, como ella foi exercida nas côrtes de amor de Provença, e nos cantos dos trovadores, communiçada depois ao mundo culto nos *sonetos* a Laura, e finalmente tornada até accessivel ás massas nos idyllios d'aquelle tempo, onde os amantes estavam sempre curvados aos pés das tyrannas pastoras, — esta phantastica attitude, que importava um protesto contra o casamento, tornou-se objecto de escarneo dos poetas satyricos protestantes.

## VI

O protestantismo não se serve da *imagem*, porém da *palavra*. Na palavra consistia a força de Lutero, que foi o mais valente orador allemão. A sua biblia creou por assim dizer, o moderno *hochdeutsch*. Seus hymnos sacros, diz J. Schmidt, são como sons de trombeta, elles deviam necessariamente ser ouvidos, se não no céu, ao menos na terra. E acharam tambem o tom correspondente — ao passo que a musica da Igreja romana, pelo órgão de Palestrina, perdia-se n'uma especie de phantastica, aborrecida do mundo a musica protestante, por meio do hymno propriamente dito, adquiria a capacidade de articular-se. O hymno era a unica fórma, em que a multidão podia clamar ao Senhor, cantando louvores e exprimindo maguas, bem ao contrario da liturgia latina, segundo a qual o canto era executado, como ainda hoje, de cima para baixo, por um côro instruido, fóra da communhão dos devotos <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Isto suscita uma ligeira observação que poderia chamar — de psychologia religiosa nacional. Em rigor, não temos cantos sacros, o nosso

Considerando d'um ponto de vista mais alto, a lucta do protestantismo contra Roma parece uma lucta do germanismo contra o romanismo em geral. Elle foi bem succedido em todos os paizes germanicos; não assim porém nos paizes romanicos. N'aquelles a velha Igreja mostrou-se improductiva; n'estes ella desenvolveu uma brilhante cultura, porque aqui o culto se apoiava sobre a indole e costumes nacionaes, ao passo que entre os germanos o culto lhe era contrario. E isto explica o facto notavel de que, no periodo classico da litteratura allemã, a direcção da vida espirital tocou exclusivamente á protestantes, posto que quasi metade do paiz fosse de catholicos.

A reforma geral da Igreja tinha naufragado, a christandade havia-se dividido. Começa então inesperadamente um forte movimento intimo em favor do catholicismo. Já em dezembro de 1545 Paulo III, Farnese, tinha-se arriscado a convocar para Trento um concilio, por estar seguro da maioria. O partido moderado foi batido; a ideia protestante d'uma Igreja invisivel foi estigmatizada como heretica, e em prol da pureza da Igreja visivel posta em actividade a inquisição. Com a paz religiosa de Augsburgo, a educação da mocidade catholica da Allemanha foi entregue aos jesuitas, que abriram collegios em Ingolstadt, Colonia, Praga, e finalmente em Vienna. O novo rei da Hespanha, Philippe II, dá entrada á inquisição nos Paizes-Baixos.

A 23 de maio de 1555 sobe á cadeira pontifical o fanatico velho Paulo IV, da familia napolitana dos Caraffa de Maddaloni, e abre caminho á perseguição dos herejes. Os papas que lhe succedem, marcham nos seus passos. Aterroada pela secessão do norte, Roma

---

*hymnario* é pauperrimo. Para quem tem o gosto de taes estudos, não seria um trabalho de todo inutil colleccionar o *hymnario* brasileiro, que se acha disperso pelas cidades e pelos campos. O que de melhor possuímos no genero, — (musica e verso), não é nosso. Ainda hoje prima sobre todos os hymnos que conhecemos o chamado *officio de Nossa Senhora*, — que começa pelas palavras: — Agora labios meus. . . — É preciso já ter viajado pelos sertões, ter feito, como se diz, uma madrugada, e ouvido, ao passar por alguma choupana, um côro de vozes rusticas, que deixam transparecer a belleza das cantoras, entoando aquella phrase: *Estrella da manhã, Deus vos salve cheia. . .* — justamente quando Venus *coquettisa* no levante, obscurecendo as outras estrellas, como uma d'essas mulheres splendidamente bellas, que chegam tarde nos bailes, mas chamam a si todos os olhares, e fazem mais d'um *canhão* recolher-se *incommodado* ao toilette; — é preciso ter ouvido esse canto, para julgar do valor de semelhante hymno. Fôra d'elle, tambem nada mais existe, que mereça attenção.

torna-se *pia*, devota e sedenta de sangue. Acaba-se com a renascença e suas delicias. Já não era o tempo do filho de Lorenzo, o magnifico, banqueteadando-se com o seu Camillo Querno, o archipoeta, como lhe chamavam, que de improviso dizia:

*Archipoeta facit versus pro mille poetis*; e o papa tambem de improviso lhe redarguiu com o bonito pentametro:

*Et pro mille aliis archipoeta bibit*. Já não era aquelle tempo de prazeres mundanos. Uma sombra negra se tinha estendido sobre os paizes romanicos. A consciencia, angustiada pela Reforma, é posta sem restricção alguma nas mãos do confessor; ella não se deixa aprofundar, mas sómente, pelo terror ou por uma especie de compulsão moral, tornar-se de todo hostil à natureza.

O concilio tridentino fôra dirigido por Jesuitas. Esta ordem, que cada vez mais toma a vanguarda das luctas religiosas, é um dos phenomenos mais enigmaticos da historia moderna. A Companhia de Jesus é uma companhia de soldados; segundo o costume do seculo xvi, ella traz o nome de seu capitão, Nosso Senhor Jesus Christo. Seu principio é a guerra contra os pagãos e os herejes. Exigir d'ella que desista d'essa guerra, que não semeie, para maior gloria de Deus, por toda a parte a lucta, e não accenda o facho da discordia, — é aniquilal-a. É uma espada que se enferruja, se não fôr constantemente manejada.

Iñigo Lopes de Recalde, o celebre Ignacio de Loyola, fôra um soldado, e soldado quizera permanecer. Houve sómente uma differença, como diz Karl Frenzel: — «elle trocou o serviço do rei da terra pelo do rei celeste. Grande adorador das damas, na maneira ceremonial do paladinato hespanhol, elle transportou o seu amor da dona terrestre dos seus pensamentos para a rainha do céu. Foi assim tambem que a camponeza Adonza Lorenzo do D. Quixote se transformou na brilhante princeza Dulcinea de Toboso».

Em Paris estudára Loyola a philosophia escolastica, e tanto elle como seus discipulos, apropriaram-se d'uma tal *virtuosidade* nas controversias, que a Ordem pôde passar como continuadora d'aquella escola, ainda que não tivesse produzido nenhuma cabeça verdadeiramente especulativa. A Companhia foi fundada, segundo ideias militares, sobre o principio da obediencia absoluta. O fim da Ordem, — sua missão contra herejes e pagãos, — devia ser comprehendido com todo interesse pratico. Exercicios de devoção sem um alvo real e determinado foram prohibidos.

Os meios da propaganda eram principalmente a educação e o confessionario. Seu systema pedagogico tinha certas attracções. Tudo era dirigido para as bellas apparencias, para as disputas e exercicios oratorios. O jesuita afrontava na lucta a qualquer competidor, era mestre no latim, e habilissimo em dividir e subdividir

ideias. Coisa notavel, bem digna de ponderação: — a lingua allemã foi sempre cuidadosamente evitada por estes padres hespanhoes; d'onde se póde inferir que a repugnancia, que ainda hoje muita gente, aliás pretenciosa de cultura, mostra ter á lingua de Kant, não é mais nem menos do que uma repercussão inconsciente d'esse velho *horror jesuitico*, para com o idioma de *Luthero!* A origem de tal sentimento, — eu creio, — não faz muita honra aos actuaes germanóphobos.

Ainda mais importante que a educação, era para os jesuitas o confessorio. Elles são os verdadeiros inventores da *casuistica*, que apresenta uma tabella completa de todos os peccados possíveis e da sua expiação por meio de *boas obras*. N'este jogo de sagacidade, chegaram a uma tal *maestria*, que não recuavam diante das mais absurdas consequencias. Quem lhes era util, nada tinha a receiar das suas *penas*; onde porém elles podiam, exigiam cega obediencia. A liberdade e a dignidade pessoal era calcada aos pés; o homem devia ser um instrumento nas mãos do sacerdote.

A Ordem nascera na Hespanha, onde tambem ella se propagou o mais depressa possível. Isolado das correntes do resto da Europa, o espirito hespanhol, pouco entrelaçado com os destinos geraes, havia tomado um desenvolvimento parcial, todo firmado no orgulho da nacionalidade. Sete seculos de uma lucta incessante contra os sarracenos, tinham tornado a nobreza hespanhola realmente brava, mas tambem cruel e *devota*. As aventuras selvagens do Mexico e do Perú haviam ainda mais reforçado essa crueldade. Commercio e industria pouco valiam. Ser *viejo Christiano*, não ter nas veias sangue de judeu, nem de mouro, fazia o orgulho do castelhano; e herejes e judeus e mouros passavam como *synonymos*. A inquisição era uma instituição popular; seus principaes portadores, os dominicanos, foram legítimos caracteres hespanhoes. Em parte nenhuma teve a Igreja como na Hespanha, uma força tão illimitada, nem o *claustrismo* uma extensão tão enorme.

(Continúa).

TOBIAS BARRETO.

## ORADORES SAGRADOS — POESIA RELIGIOSA E PATRIOTICA <sup>1</sup>

---

Nos ultimos annos do seculo passado e nos primeiros do actual tivemos no Brazil, especialmente no Rio de Janeiro, uma pleiada de oradores sagrados. N'este ponto, ainda mais talvez do que n'outros, a historia litteraria entre nós não tem feito mais do que elogiá descomedidamente as figuras proeminentes d'aquelles certamens oratorios. Entretanto, ficamos todos sem saber o que representaram no desenvolvimento intellectual da nação os Oradores sacros, que fizeram as delicias da côrte de João VI e de Pedro I. É o que procuraremos tornar saliente.

Os nomes de São Carlos, Sampaio, Mont'Alverne e outros não estão hoje de todo esquecidos pelo povo brasileiro; porque estes homens preencheram uma dupla funcção no seu tempo: ajudaram a modificação nacional da lingua e concorreram para a accentuação das ideias de independencia. São estes os titulos que lhes garantem um logar na historia. Os velhos chronistas portuguezes que escreveram no Brazil estavam esquecidos. Só a poesia era cultivada pelos talentos nacionaes. A prosa apenas começava a ensaiar-se em Jaboa-tam, Silva Lisboa, Balthazar Lisboa e poucos mais. Era, porém, a prosa dura e aspera, applicada a materias áridas, prosa despida de qualquer adorno artistico.

---

<sup>1</sup> Estes estudos formam o capitulo XIII da *Introduccão á Historia da Litteratura brasileira*, fazendo parte do segundo volume d'esta obra ainda inedito.

Os sermonistas tiveram mais ousadias poeticas, mais fogo, mais vida; as peças oratorias eram escriptas para serem recitadas, mas eram-o com verdadeiro enthusiasmo. O povo, que nada lia, era ávido por ouvir os oradores mais famosos. A emulação os estimulava, os accendia em fortes impetos. Tinham de fallar diante do rei e sentiam a vaidade de sobrepujar os oradores de Lisboa.

Não havia divertimentos publicos como hoje; o theatro era nullo; as festas de igreja eram concorridissimas.

Depois de tres seculos de emigrada para o Brazil, a lingua portugueza estava bastante alterada na pronunciação e no meneio da phrase na bocca do povo; mas ainda não tinha esse *brazileirismo* da linguagem uma consagração litteraria. Os prégadores deram-lh'a diante dos regios ouvidos de João VI. Por outro lado, todos aquelles padres e frades illustres eram grandemente patriotas, e entre outros, Sampaio e Cunha Barbosa foram figuras proeminentes na obra da nossa emancipação. Já antes o conego Luiz Vieira, orador mineiro, tomára parte na mallograda Inconfidencia.

O objecto d'este capitulo é um dos mais ingratos na nossa historia litteraria; a natureza do assumpto, completamente fóra da corrente hodierna das ideias, a falta de documentos, pois que os sermões de quasi todos os mais famosos prégadores desapareceram, tudo isto difficulta a marcha narrativa dos acontecimentos intellectuaes.

Por uma grande ventura nossa, alguns d'estes homens eram poetas, e aquelle que não deixou sermões deixou poesias e pôde por ellas ser apreciado. É o caso, por exemplo, de Sousa Caldas. Mont'Alverne, que não escreveu versos, deixou em compensação quatro volumes de sermões.

As principaes figuras que verêmos passar diante de nós são: Antonio Pereira de Sousa Caldas, Fr. Francisco de São Carlos, Fr. Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio, Fr. José do Amor Divino Caneca, Januario da Cunha Barbosa, Fr. Francisco de Mont'Alverne, o Vigario Francisco Ferreira Barretto e Fr. Bastos. A estes prende-se pela poesia sacra, José Eloy Ottoni, e pela poesia patriotica, José da Natividade Saldanha. De Joaquim Marinho Falcão Padilha, João Paulo de Muribeca, Martinho de Albuquerque e Mello, Santa Ursula Rodvalho, Fr. Antonio de Sampaio, Fr. Bernardino de Sena e outros pouco haveria que dizer.

«A historia de toda e qualquer nação, diz Mommsen, é um vasto systema de incorporação.» <sup>1</sup>

<sup>1</sup> *Historia Romana*, p. 99, do 1 volume.

É isto exacto; mas a historia litteraria é, em certo sentido, um systema de eliminação. Entre os povos principiantes, que não têm muitos escriptores, que não contam vultos litterarios de grande altura, todo e qualquer individuo que escreve algumas paginas é registrado com cuidado. Mas, quando o numero dos escriptos se avoluma, é preciso eliminar os mediocres de toda a marca. Attendendo a este salutar preceito, deviamos riscar quasi todos os nomes que atraz ficaram consignados. Só ainda um resto de attenção tradicional os retém no logar em que os deixamos lembrados. Muitos d'estes padres e frades foram sem grande merito, e nenhum d'elles é realmente notavel.

Vejamol-o.

*Antonio Pereira de Sousa Caldas*, (1762-1814) foi um homem de grandes virtudes, mas não um grande homem. Como orador nada hoje sabemos d'elle, porque nada nos deixou no genero. Apesar de ter viajado em França e Italia, o seu talento, como poeta, não se elevou além de um mysticismo calmo e confiante, porém pouco profundo. A celebrada ode ao *Homem Selvagem*, que lhe valeu alguns mezes de prisão por ordem inquisitorial, é mediocre. É uma pallida inspiração de Rousseau; não tem fundo philosophico e tambem não tem lyrismo. É árida.

Sousa Caldas entregou-se a um philosophismo religioso, viveu a decantar a *Creação*, a *Immortalidade da Alma*, e a traduzir os *Psalmos de David*; mas tudo isto sem vida, sem bellezas de estylo, sem encantos lyricos. Dista grandemente de Silva Alvarenga e de Gonzaga.

Como nota sentida e individual nada nos legou que se levante acima d'este soneto mediocre :

« Oito annos apenas eu contava,  
Quando á furia do mar, abandonando  
A vida, em fragil lenho e demandando  
Novos climas, da patria me ausentava.

Desde então á tristeza começava  
O tenro peito a ir acostumando;  
E mais tyranna sorte adivinhando  
Em lagrimas o pae e a mãe deixava.

Entre ferros, pobreza, enfermidade  
Eu vejo, oh ceus! que dôr, que iniqua sorte!  
O começo da mais risonha idade.

A velhice cruel (oh! dura morte!)  
Que faz temer tão triste mocidade,  
Para poupar-me decarrega o côrte.»

Este soneto exprime o talento e o systema poetico do padre Caldas. Preoccupações mysticas, desprezo do mundo, eis a sua nota capital. Poucos recursos de fórma, dureza de expressão, nenhuns recursos lyricos, eis o complemento de sua maneira de poetar. É uma especie de Filinto Elysio brasileiro. Hoje não é quasi lido; é quasi estrangeiro para nós. A traducção dos *Psalmos* não foi feita sobre o original, é falha de critica; é apenas um modelo de linguagem *classica*, o que importa dizer, é antipathica aos ouvidos brasileiros. Eis um dos melhores especimens: a traducção do Psalmo XIII:

Diz comsigo murmurando  
O mortal desatinado:  
« Não ha Deus! » e desbocado,  
Precipita-se no mal.  
Corrompidos os humanos,  
Seus caminhos enlodaram,  
E dos vicios esgotaram  
Todo o calix infernal.

Já não ha quem da virtude  
Siga o solitario passo:  
E em vão, Deus, no vasto espaço  
D'este mundo, o procurou.  
Mediu com os olhos a terra,  
A buscar um homem justo;  
« Ah! clamou: o crime injusto  
Tudo, tudo dominou.

« Vãs, inuteis se tornaram,  
« Encaminham-se ás escuras,  
« Estas bellas creaturas  
« Que formei co'a minha mão:  
« Nunca, nunca esses malvados,  
« Que de crimes se repassam,  
« Que o meu povo despedaçam  
« Tanto mal conhecerão. »

— Que ha de ser, se não quizeram  
Invocar o Deus eterno;  
E, do peito seu no interno,  
Fabricaram outro fim?  
Imprudentes! não temeram  
A vingança do Deus vivo,  
E estremezem, sem motivo,  
A um phantastico motim.

— O Senhor emfim dissipa  
Todos quantos, loucamente,  
Se esmeraram tão sómente  
O mundo a satisfazer.

Desprezados, confundidos  
 Não verão a claridade  
 Da sempiterna verdade,  
 Que só pôde o peito encher.

Oxalá que bem depressa  
 Raie o dia afortunado,  
 Em que o Deus anunciado  
 Israel ha de salvar!  
 De Jacob a clara estirpe,  
 De alegria trasbordando,  
 Se verá ditosa, quando  
 O Senhor a libertar. <sup>1</sup>

Sob o ponto de vista nacional por que distinguimos os nossos oradores e poetas sacros: — alteração da lingua e pendor para a independencia, — Caldas é mudo. Sua residencia demorada em Portugal e sua morte em 1814 — explicam o facto. Se Caldas entretanto não continuou as boas tradições da escola mineira, se teve um lyrismo pallido, como conhecedor da lingua e como metrificador é um modelo no velho sentido da palavra. Em sua mocidade, elle foi até certo ponto imbuído das ideias philosophicas francezas dos fins do seculo passado. Mas a sua natureza timida e doentia afastou-o bem cedo d'ellas e o confinou nas puras tradições catholicas. — Por esta face elle é um predecessor dos romanticos.

*Frei Francisco de São Carlos.* — Este franciscano me parece um pouco mais significativo. Nunca saíu do Brazil. — O que foi — deveu á sua terra. Dizem que o rei, logo que chegou de Lisboa, e que o ouvira prégar pela primeira vez, ficára admirado e o mandára chamar. « És portuguez? » perguntára-lhe o monarcha. « Brasileiro, senhor; e nunca saí do Brazil. » O rei admirou-se.

São Carlos nasceu no Rio de Janeiro a 13 de agosto de 1763. Esteve em S. Paulo de 1790 a 1796; falleceu a 6 de maio de 1829. Restam-nos d'elle uns tres ou quatro sermões e o poema epico-lyrico — *A Assumpção da Virgem*. Como orador, era um pouco declamatorio, mas tinha uma certa pompa de linguagem. Os seus discursos mais celebres são a oração funebre da rainha D. Maria I, e a oração de graças pelo nascimento da princeza da Beira. — D'esta transcrevamos um trecho relativo ao Brazil e á sua capital. O patriota falla por detraz das amplificações do rhetorico: « Grande Deus! o vaso de argila vil não é capaz de perguntar ao

---

<sup>1</sup> *Poesias de Caldas*, 1.º vol., p. 38, Lisboa, 1820.

oleiro porque o destinou a um uso de contumelia; nem o insecto, desprezível, que se revolve pelo pó da terra poderá entrar nos vossos conselhos adoráveis; sim, eu adoro as razões ineffáveis de vossos decretos inacessíveis. Mas quando eu vejo, Senhor, esta parte do globo sepultada ha seis mil annos nas trevas e sombras da morte, e de repente habitada pelo mais religioso principe do velho mundo, quando eu contemplo os meios que o transportaram a este hemispherio, os grossos mares que atravessou com sua augusta familia; os muitos perigos de que se viu são e salvo, e a terrivel explosão do meio-dia da Europa, que o impelliu a tão duro sacrificio, então, Deus meu, quasi vislumbro por entre as densas trevas do porvir grandes coisas a este terreno, e que nas vossas mãos bemfazejas se preparam novas misericordias ao meu paiz.

«É aqui, meus senhores, que eu quizera vêr em espirito os destinos da minha patria. E poderia dizer d'ella com o seu monarcha, o que um romano dizia de si mesmo, que onde estava Sertorio, estava Roma? Será ella tambem pelas vantagens de seu posto a nova Tyro rainha dos mares, que estenderá seu senhorio de um pólo a outro pólo? Sera a capital d'esse Quinto Imperio tão encarecido, tão suspirado pelos povos da terra? Virão a ella embaixadores do Egypto, como no tempo de Salomão, a implorar a amizade de seu soberano e uma princeza do Austro lhe trará ricos presentes e enigmas por tentar o renome de sua sabedoria? Enviará seus baixéis enfunados exportando o superfluo de seus generos e importando-lhe o ouro das nações? Será tambem o berço de novos Gamas, de outros Castros, de outros Magalhães? Terá tambem seu Homero, seu Virgilio, quero dizer, seu Camões? Será emfim a patria do heroismo, o asylo das artes e das sciencias?»<sup>1</sup> É o estylo do tempo na sermonatica do Brazil e de Portugal. Amplificações, pretextos biblicos e um pronunciado tom declamatorio. São Carlos, porém, como poeta tinha ás vezes bellas phrases, imagens dôces e vivas.

Na poesia, este notavel franciscano possuia algum calor, certa animação, que transparece através das agruras do assumpto abstracto e suprasensível de seu poema. Por isto as melhores passagens d'este são, por certo, como já se tem dito, aquellas em que elle introduz scenas brazileiras no 3.º e 6.º cantos. O poema é duro para ser lido em seu todo, é preciso catar aqui e acolá. Certa tendencia objectiva e descriptiva orna-lhe os melhores trechos.

---

<sup>1</sup> Apud Ramiz Galvão, *O pulpito no Brazil*, p. 142.

Ouçamos um fragmento :

« Negros picos e fragas se avistaram  
 Que ao longe os céos serenos topetaram ;  
 D'onde, se despenhando crepitantes  
 Alveos de varias lymphas escumantes,  
 Vinham dormir nas fraaldas e campinas  
 Sobre leitos de areias crystallinas,  
 Tanques bordados do tapiz de Flora,  
 Dôce atractivo do cantor da aurora ;  
 Prateados peixinhos agitando  
 As caudas, pelo fundo estão brincando .  
 Pelos prados floriferos serpeiam  
 Humectando o matiz, de que se arreiam,  
 Perennes aguas, fontes peregrinas,  
 Quaes liquidas riquezas argentinas .  
 Rolando vem com ellas pelo fundo  
 Folhetas d'oiro ; e tudo quanto o mundo  
 Em preço tem ; o rigido diamante,  
 O rubi, que da braza é semelhante,  
 A amethista, a crysolita, a turqueza,  
 Lapidadas da propria natureza . » <sup>1</sup>

São, como se vê, preparações para um lyrismo mais amplo. — São Carlos não é para ser desprezado; ainda hoje pôde ser lido como um dos documentos do portuguez-brazileiro no começo d'este seculo. É este o seu melhor titulo. Alguns criticos brasileiros têm comparado a *Assumpção* á *Messiada*, ao *Paraíso Perdido* e á *Divina Comedia*... É simplesmente uma enorme leviandade. O poema de Klopstock symbolisa o pietismo allemão do seculo passado, a epopéa de Milton o puritanismo protestante, a obra de Dante, a catholicidade turva e turbulenta do seculo xiv, e o livro de São Carlos é apenas uma descripção das legendas sobre a morte da Virgem, descripção abstracta entresachada de trechos lyricos. O paralelo é impossivel e extravagante. São Carlos foi um homem amavel e intelligente; mas não tinha grande cultura, nem era verdadeiramente um poeta.

Toda esta galeria de poetas e oradores sagrados encerra espiritos d'aquelles dos quaes poder-se-hia dizer mal; mas não se deve. Considerados em si, não mostram grande valor; comparados aos seus contemporaneos brasileiros, — ostentam-se notaveis. Não é possivel passar-lhes por cima a esponja e atiral-os ao olvido; por outro lado, não se deve gastar com elles muito papel.

(Continúa.)

SYLVIO ROMÉRO.

---

<sup>1</sup> A *Assumpção*, p. 75, edição de 1862, do Rio de Janeiro.

## A NOIVA

(Conto para creanças)

O Joãozinho tinha pedido á mamã, que o deixasse, n'aquelle dia, por ser domingo e não haver collegio, ir pelos campos fóra á caça das borboletas.

Como era uma creança obediente e boa, a mãe concedeu-lhe a licença e ella mesmo lhe preparou um *lunch* de fructas e pão, para quando a fome o apertasse.

Acabava de nascer o sol, quando o pequeno caçador de borboletas transpunha as portas da cidade; estava lindissimo o dia e nos jardins, por que elle passou, não poucas vezes parou junto das grades, para admirar a belleza das flôres, que principiavam a abrir e das quaes bem desejava fazer um ramo para offerecer á mamã.

Quando porém os jardins tinham acabado e que era livre o campo, esse campo tão alegre e tão extenso, onde as borboletas voavam aos centos, como o Joãozinho ficou contente e encantado!

— Podéra não! Elle habituado a vêr só as ruas da cidade, com as suas casas todas d'uma mesma fórma, achava-se agora em frente d'uma paizagem tão linda, que a sua vontade seria ter n'aquelle momento os pinceis e a sciencia do seu primo Carlos, um pintor muito notavel, para pintar tudo aquillo, que os seus olhos estavam vendo.

Havia cerejeiras com as cerejitas já maduras, castanheiros cobertos de flôr, rebanhos d'ovelhas muito socegradamente a ruminar a herva das pastagens, searas de trigo, amarellas como oiro, roseiras bravas pelos vallados, carregadinhas de botões e de pequenas rosas. Os malmequeres então eram como um tapete de felpa dobrada estendido sobre os campos, e os ribeiros, quando lhes dava o sol, pareciam espelhos alli postos de proposito, para que as grandes arvores se podessem mirar.

As amoras principiavam já a pintar e o Joãosinho, ao passo que ia andando, ia apanhando algumas das mais maduras, como quem sabia que eram as mais dôces e as que menos mal lhe podiam fazer.

Uma vez até, em que elle se punha em bicos de pés para chegar a um ramo, que estava com umas poucas maduras, salta-lhe d'entre as silvas um melro, a assobiar, o patife, que pela surpresa que lhe causou, quasi o ia desequilibrando e fazendo cahir na estrada.

— Que a fallar a verdade, o melro é que foi o surpreendido, porque estava muito aconhegado no seu ninho a chocar os seus ovos sarapintados de azul e pardo, e ao vér estender o braço ao Joãosito, pensou lá de si para si, que elle era um d'esses rapazes estupidos e maus, que andam pelos vallados a destruir os ninhos e a matar a criação.

— E lá n'isso bem se enganava o melro, porque elle até, ao vér o ninho muito escondido entre os silvados, ficou contristado de fazer fugir, ainda que involuntariamente, a pobresita da ave, que alli estava a dar o calor do seu corpo áquelles ovosinhos, d'onde haviam de nascer-lhe os filhos.

Muito mais curiosas eram as abelhas, que voavam por lá aos enxames e que sem se importarem com a afflicção do melro, iam mesmo pousar proximo do ninho, sobre uns cachos de madre-silvas em flôr, para lhes sugarem o succo dôce, que estas têm e com que depois nos cortiços ellas fabricam o mel, esse mel tão bom, que se come na noite de Natal.

— E vamos lá que não eram só as abelhas!

As borboletas tambem são bastante gulosas do succo das madre-silvas e a prova é, que, quando o Joãosito queria apanhar algumas para a sua collecção, esperava que ellas poisassem n'essas flôres e depois as apanhava com a sua rêde, algumas vezes mesmo com o seu chapéo de palha.

Pelas onze horas, tinha elle já uma boa porção de borboletas, e pensava em voltar para casa, quando n'uma sebe de roseiras bravas viu poisar uma tão linda e tão colorida, que todo o seu desejo foi aprisional-a para a collecção.

Correu logo ao seu encontro, mas a borboleta, como se fosse uma linda flôr aerea embalada pelo vento, suspendeu-se nas azas e foi vôando de prado em prado, a uma distancia tal, que o Joãosito fatigado teve de parar para tomar descanso e pensou mesmo em desistir de a alcançar.

— E o caso é tambem, que aquellas corridas pelos campos haviam-lhe aguçado o appetite e elle sentia-se já um pouco fraco; para refazer as suas forças comeu então o *lunch*, que a mamã lhe déra e foi-se depois a um regato, que alli corria de boa agua pura e fresca, bebeu a fartar e ficou contente como um passaro!

Tinha o nosso caçador acabado o *lunch*, quando por acaso olhou e viu de novo a tal borboleta poisada na sebe de roseiras bravas, muito descuidosa de si, e sugando com delicia o succo d'uma pequenina rosa.

— Olá! então por cá outra vez! — disse o Joãosito — deixa estar que eu serei agora destro bastante, para que me não escapes!

E pé ante pé, foi-se-lhe aproximando devagarinho, quasi suspendendo a respiração e com tanta habilidade, que, quando a borboleta ia para voar, já estava presa na réde.

O caçador ficou orgulhoso da sua conquista e não era para menos o caso, porque, de todas as borboletas da sua collecção, aquella era com certeza a mais formosa.

— Só as lindas azas que ella tinha, que pareciam de fino oiro em pó, com esmaltes das mais bonitas pedras preciosas! Nenhum pintor era capaz de pintar uma maravilha d'aquellas e para que a borboleta as tivesse tão formosas, só a Natureza, a artista incomparavel, tivera sido capaz de lh'as fazer.

O peor foi que quando o Joãosito lhe poz os dedos, todo aquelle bello colorido se embaciou e de côres tão brilhantes ha um instante apenas restava agora um pó acinzentado, assim como a cinza clara d'um charuto.

Bastante entristeceu este facto o Joãosito, tanto mais que lhe desconhecia a causa; só mais tarde é que a sua mamã lhe explicou, que aquellas côres vistosas procediam do embricamento de escamas muito pequeninas, cada uma de diversa cambiante, e cuja reunião é que constituia toda aquella formosura, bastando o mais simples attrito, como fôra o dos seus dedos, para desfazer essa reunião encantadora.

Disse-lhe ainda a mamã, e era verdade, que, para darem aquelle effeito de côr, todas essas escamasitas eram de tamanhos diversos, assim como o são as pennas das aves, vendo-se por exemplo no gallo as das azas e da cauda maiores e mais coloridas, as do papo mais luzentes, as do ventre mais macias, etc.; e assim como as pennas têm uma especie de raiz por onde se implantam no corpo

da ave, também as taes escamas têm um pé muito pequenino, que serve para as enterrar nas membranas das azas, uma coisa assim como uma folha secca, de que se tem sumido toda a parte verde e tenra, e de que só restam os flos das nervuras.

Por esse modo de implantação das escamas nas membranas é que os sabios deram o nome de *Lepidoptéros* a toda a grande familia das Borboletas, e nos livros da sciencia é como ellas são designadas.

As escamas ainda se podem comparar ás pennas, visto que assim como estas servem para o vôo das aves, servem aquellas também para o vôo das borboletas. Era por isso até, que só com muita difficuldade se movia aquella que tinha o Joãosito, visto que nos dedos d'elle tinha ficado o maior numero. E ainda é preciso notar também, que a borboleta estava muito triste por lhe haverem roubado a sua liberdade, esse bem a que aspira todo o sér quer seja um homem ou um passaro, ou mesmo uma borboleta, como esta era.

Além de que, coitadita, aquellas escamas doiradas eram o seu vestido de Noiva e destruidas como estavam agora, já lhe não era possível o casar.

Esta desgraça irremediavel, de que fôra causa, ignorava-a o Joãosinho, mas foi o que ficou sabendo, quando a borboleta lhe contou a sua vida inteira, que elle depois muito penalizado narrou á sua mamã, que foi quem m'a contou a mim, para eu a poder contar agora.

## II

— Conheces bem a tua mamã? perguntou a borboleta ao pequeno caçador.

— Se conheço! — respondeu logo este — quem não ha de conhecê-la e amal-a a ella tão boa e tão carinhosa! Mas porque me fazes tal pergunta? Porventura és tão infeliz, que não conheças a tua?

Uma sombra de tristeza e desalento anuveou n'aquelle instante o pensamento da borboleta.

— Escuta — disse-lhe após um breve silencio — vou contar-te a minha vida inteira, para que bem saibas o mal que me causaste prendendo-me na tua réde, e para que não tornes a repetil-o, visto que o teu coração é generoso e só os maus é que persistem no erro.

« — De quem sou filha? — principiou a borboleta — eu sei lá

porventura quem foi minha mãe? É lei na minha raça, que nunca os filhos possam chegar a conhecer os paes. Nasci do ar e da luz, d'esta boa luz da primavera que deu vida a todo o meu corpo, como dá vida a essas flôres, que a enchem de exalações.

— Pois tua mãe não é alguma d'essas borboletas, que vejo voçar pelos prados?

— Minha mãe, nenhuma! Minhas irmãs talvez sejam muitas; são em todo o caso a minha familia, a minha sociedade! Minha mãe poderias tu vê-la o anno passado, se por acaso vieste por estes logares...

— Morreu então?

— Morreu, como morrem as mães de todas nós para nos legar a vida; na nossa raça nunca as mães vêem os filhos, nem os filhos vêem as mães. Um ovo, um pequenino ovo, é o que ellas deixam para nós vêrmos a luz; a boa Natureza faz o resto! Imaginas que todas estas galas com que me viste adornada e que os teus dedos desfizeram n'um momento, foram sempre os meus vestidos? Não, meu amigo, fui muito feia, antes de ser bonita. A minha historia prende-se toda á evolução d'esse ovosinho, cujo apparecimento significa a morte de minha mãe. Quando ella tinha a gentileza e a graça das noivas, meu pae gostou d'ella e celebraram o seu casamento sobre as pétalas d'um malmequer; onde ha o amor, ha a familia, e minha mãe, sentindo-se fecundada, confiou os ovosinhos, d'onde haviamos de nascer, eu e minhas irmãs, ao simples abrigo da folha d'um lilaz. O fim da sua vida estava cumprido; restava-lhe morrer e morreu para que nós podessemos nascer; é um bello sacrificio este, não é, o de ter a mãe de morrer para que os filhinhos nasçam?

— E depois? — perguntou o Joãosinho, já muito interessado n'aquella historia.

— Minha mãe, antes de morrer — continuou a borboleta — teve o cuidado de abrigar bem o ovo, d'onde eu tinha de nascer; é bom fiar na Providencia, mas é util sobretudo trabalhar tambem, para que ella nos auxilie. Nada lhe esqueceu para me assegurar os primeiros passos na existencia; deixou-me n'um pequenino ninho confortavel com uma pasta doce formada do nectar das flôres para me alimentar nos primeiros dias. Foi então que me deu o ultimo beijo e que morreu descançada.

— E depois?

— Fiquei sendo um pequenino ovo, como sabes, tendo apenas o alimento dos primeiros dias. O sol, o calor, a luz, encarregaram-se de dar forças ao germen do meu sér, para que podesse romper as paredes d'esse ovulosinho e comer o doce, que me deixára minha mãe. Tinha vida, era creança, estava nascida finalmente; e

lembro-me bem, que por essa occasião uns sabios que me viram, me baptisaram com o nome de *larva*. É muito feio, pois não é?

— E porque te chamaram assim?

— É que eu era então um pequenino verme, como esses bichinhos, que tu vês nas couves das hortas; mal me podia arrastar e era mesmo muito deselegante o modo por que o fazia. O meu corpo todo constituido por aneis encadeiados uns nos outros não me permittia a firmeza de movimento; e depois eu era tão pequenina! Olha lá tu, se a tua irmã mais novinha sabe andar! Mas no entanto eu sentia-me crescer pouco a pouco, transfigurava-me; a minha bôcca armava-se de mandibulas fortes para triturar; e, não te digo nada, era um appetite devorador, não havia folha verde que me escapasse! Bastantes vezes ouvi os lavradores queixarem-se dos estragos da *lagarta*, mas que havia eu de fazer-lhe! Tinha fome, o remedio era comer para poder desenvolver-me.

— E depois?

— Depois, desde que me senti completa no estado de *larva*, ou *lagarta*, o que é o mesmo, o meu corpo era forte, os meus musculos rijos, os meus aneis valentes; da minha bôcca sahia a saliva em fio e com ella fabriquei uns fios tão finos como os das aranhas, e por elles, n'uma especie de casulo, me pendurei n'um ramo de lilaz, que já então estava coberto de folhas, mas que ainda não tinha as flôres.

— Devia-te custar o estar assim pendurada?

— Nada absolutamente; os meus fios eram fortes e elles me seguravam; era como que um somno delicioso dormido n'uma rede, que o vento balouça a cada instante. Apenas me recordo, que senti um arrepiosito pelas costas, quando um sabio naturalista me tocou com o seu dedo e disse para um companheiro:

— Eis aqui uma *chrysalida*, d'onde sahirá uma borboleta bem graciosa.

— Já não eras *larva* então?

— Não, como bem disse o sabio, e realmente com razão, porque não só a minha vida activa caíra em somnolencia, mas o meu corpo se transfigurára a ponto de quasi parecer uma mumia, uma especie de *fava* encarquilhada e sêcca.

— E como sahiste d'esse novo estado?

— Foi n'um d'estes dias lindos de primavera; o sol estava quente d'uma quentura tépida e tão boa, que os seus raios me penetraram dôcemente e excitaram a minha circulação. A minha pelle rompeu-se na cabeça e nas costas, e d'essa especie de casulo informe eu arrastei-me sobre a folha do lilaz, ainda molhada, muito tímida; quasi fiquei entontecida da luz e do ar. Mas o bom sol favorecia-me; eu estendi as minhas *antennas*, como que a

tactear esta atmosphera nova, que desconhecia, pois estes orgãositos, que tu vês sahir da minha cabeça, são para mim o que para ti são as mãos; d'elles me sirvo para apalpar os terrenos desconhecidos. As minhas patas até ahí encolhidas no meu ventre estendi-as com firmeza e servindo-me d'ellas dei uma volta em redor do casulo, que deixára, como que a dizer-lhe o ultimo adeus; e estas lindas azas que tu viste, eram então dois côtos inertes e espessos, que mal me deixavam mover.

Felizmente que eu me sentia bem, e me alegrava o aspecto de tudo o que via; respirei largamente, com respirações bem fundas como quem já não sentia desde muito os beneficios do bom ar.

— Mas com que respiravas tu?

— Com as minhas *tracheas*, que o mesmo é que para ti os pulmões; e esse bom fluido, o ar, penetrando nos côtos informes que seriam as minhas azas, distendia-as como um folle que se enche de vento e seccava-as, evaporando a humidade que ellas tinham; eu mesma as voltava para o lado do sol para seccarem mais depressa. Mas aquillo foi rapido, como quando vibra uma corda elastica, e fez até o mesmo barulho, a ponto de me causar susto, apesar de me conhecer assim mais linda.

— E voaste logo?

— Não pude, precisei descançar, sentia-me extremamente fatigada; mas o sol continuava a aquecer-me e a avigorar-me as azas, e dentro do meu coração um sentimento novo, que eu não sabia bem explicar, me chamava para o espaço. Então bati as azas e voei! Voei!... Oh, como era lindo o céu, lindos os campos, bonitas as flôres!... E como eu teria sido ainda mais feliz, se tu não viesses interromper a minha vida, obstar á minha felicidade, ao fim da minha creação!

— Mas em que te prejudiquei eu, que apenas te fiz como a tantas outras, prendendo-te na minha rêde?

— E não estorvaste por acaso a sua felicidade tambem? Pensas que é pouco roubar a liberdade a algum sêr vivo?

O Joãosinho estava envergonhado da sua feia acção.

— Se fôra só isso porém... — continuou a borboleta.

— Pois que, ainda em mais te prejudiquei eu?

— Sim, meu pequeno amigo, prendendo-me impediste o meu casamento; destruindo com os teus dedos as côres das minhas azas, rompestes o meu vestido de noiva.

— O teu vestido de noiva! — exclamou surprehendido o Joãosito.

— Pois tu não sabias que eu ia em busca dos meus amores? Ignoravas que n'esta quadra da minha existencia, depois que de *chrysalida* passei a *borboleta* eu era tão feliz que nem mesmo ali-

mento precisava e um pouco de nectar das flôres bastava ao meu sustento? Sabes o que valia para mim esse pó doirado, que te ficou nos dedos? Era o meu vestido de noivado, o meu véo de virgem com que ia receber o esposo, que vinha já ao meu encontro. As minhas nupcias estavam proximas; estes vôos alegres, em que me tens visto atravessar o azul, eram como que o preludio do meu baile de casamento! É-se sempre formosa, quando se é noiva, e para que eu o fosse tambem; a minha formosura consistia n'estas azas magnificentes, com cujos esplendores attrahiria o olhar do eleito do meu coração. E agora tudo está perdido! Ah! como tu foste mau, por ser ignorante!

— E não posso ainda remediar esse mal?

— Attestam essas palavras o teu coração generoso, mas infelizmente não podes. Os machos fugirão de mim, pensando que sou esposa d'outro e sabendo que a belleza das nossas azas murcha quando temos sido fecundadas, pensarão que está proxima a postura dos meus ovos e abandonar-me-hão. O sol desbotará ainda mais as minhas côres e eu terei de morrer esteril faltando ao grande fim da creação; não farei o que minha mãe fez por mim, preparando para os filhos meus a dôce pasta de succo de flôres, que foi o alimento de meus primeiros dias! É uma noiva que morre sem casar, porque o seu enxoval foi destruido. Mas tens ahi as outras companheiras minhas; solta-as emquanto é tempo, para que ellas possam livremente esvoaçar pelo espaço; são noivas ainda, algumas serão já esposas, quem sabe!»

E assim terminou a historia da Noiva que morreu sem casar, ficando o Joãosinho contente com a lição que a borboleta lhe déra, visto que era generoso o seu coração.

É que a ignorancia é que faz muitas vezes os maus.